

**Revista *Figueira* e experiência no site *À pala de Walsh***

**Inês Brito Pegado**

**Relatório de Projeto de Mestrado em Edição de Texto**

**Março, 2024**

Relatório de projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessário á obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizada sob a orientação científica do Professor Rui Zink, do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, a todos os artistas amigos que me disponibilizaram os seus trabalhos para a realização da edição nº0 da *Figueira*, pela confiança, opiniões construtivas e pela validação.

À minha família por me constantemente lembrarem que estava atrasada (e de facto estava). Por me permitirem pensar em voz alta e ajudarem na construção de alguns detalhes da revista. Por me mandarem para a cama, quando claramente o cansaço levava a melhor de mim, por acreditarem que sou capaz. À minha irmã Madalena, pela capa que desenhou e pelos “jeitinhos” que dava no design modelo da revista sempre que a criatividade me faltava. A revista tornou-se esteticamente agradável, em parte, pela ajuda dela.

Aos meus amigos, por me confortarem e criticarem honestamente. Pelas dúvidas, por insignificantes que fossem, que esclareciam. Por me distraírem, nos momentos que mais precisava. Agradeço aos meus colegas, “porque o mestrado não se faz sozinho”.

Agradeço ao meu orientador, professor Rui Zink, por estar sempre ao meu lado no desenvolvimento deste projeto. Por defender o meu caso, quando o estágio inicial não fora aprovado, e por rapidamente me encontrar uma solução, que tão bem combinou comigo.

Aos editores do site *À pala de Walsh*, Luís Mendonça, Ricardo Vieira Lisboa e João Lameiro, por confiarem no meu trabalho e me permitirem encontrar um lugar dentro da escrita onde pudesse crescer. Agradeço o feedback constante que me oferecem, que se traduziu em autoconfiança pelas tarefas que desenvolvo.

Termino por agradecer a mim mesma, pelo esforço que dediquei, pelos chás que me preparei, pela criatividade espremida necessária para fazer o design da revista e pelo otimismo, às vezes desmedido.

## **Sumário**

Este projeto tem como objetivo a criação de uma revista interartes, *Figueira*, focada na composição de um espaço atrativo e financeiramente confortável para acolher os trabalhos de diversos artistas emergente e maduros. Tendo por base a experiência da mestranda no site cinéfilo *À pala de Walsh*, abrange descrições das suas funções, enquanto revisora, no site, de artigos e um livro, entre outras tarefas que desenvolveu. Detalha o processo de pesquisa, edição e formação, incluindo conversas com editores assentes na área e um modelo da revista.

**PALAVRAS-CHAVES:** *À pala de Walsh*, edição, edição nº 0, revisão, revista interartes.

## **Abstract**

This project aims to create a multi-arts magazine, *Figueira*, focused on designing an attractive space, financially comfortable to welcome the works of several emerging and mature artists. Based on the experience of the student on the cinephyle website *À pala de Walsh*, it covers descriptions of her functions as a text reviewer of articles and a book, among other tasks she developed. It details the research and editing process, including conversations with professional and amator editors, and also a template of the magazine.

**KEYWORDS:** *À pala de Walsh*, editing, edition nº0, multi-arts magazine, reviewer.

## Índice

Introdução .....	6
Capítulo I, <i>À pala de Walsh</i> .....	7
Capítulo II, <i>A revista</i> .....	13
Capítulo III, <i>Reflexões</i> .....	24
Conclusões .....	27
Anexos .....	28
Edição nº0.....	28
Bibliografia .....	67

## Introdução

Este trabalho de projeto consiste na imaginação e criação de uma revista literária, que incluirá diversas artes com especial incidência na escrita, em formato de papel e digital, tendo por base a experiência da colaboração com o site cinéfilo *À pala de Walsh*.

No capítulo inicial, começarei por apresentar o site cinéfilo *À pala de Walsh*, assim como as atividades que desenvolvi (e continuo a desenvolver) desde o passado mês de junho. Críticas, crónicas e outras tão diversas rúbricas cinéfilas são o tipo de conteúdo com o qual tenho contacto. São estes textos subjetivos que criam a ligação entre a escrita e o cinema, sobre a qual me irei debruçar, primeiramente.

No segundo capítulo, refletirei sobre as características técnicas e ao nível do conteúdo da revista que crio. Tipo de rúbricas a incluir, definição do layout, técnicas editoriais, estratégias de promoção e identificação de possíveis parcerias, ação das redes sociais, público-alvo e captação de colaboradores serão os temas explorados neste capítulo. Tive a oportunidade de conversar com diversos editores experientes na área que de bom agrado responderam às minhas perguntas. Incluirei os seus argumentos e percursos para argumentar as minhas escolhas.

No terceiro, e último, capítulo, refletirei sobre as motivações pessoais que me conduziram até à criação do presente projeto, expectativas e justificações, assim como sobre o meu percurso académico e profissional no *À pala de Walsh*, até ao momento.

Para terminar, apresentarei um modelo da revista e argumentarei se seria viável a criação da mesma.

## Capítulo I, *À pala de Walsh*

Site cinéfilo que conta com rúbricas, crónicas, críticas e segmentos semanais, bise semanais, mensais e bimensais, cuja condição exigida aos seus autores é o amor pela sétima arte<sup>1</sup> e a coragem de transpor para palavras escritas aquilo que pensam sobre o grande ecrã. No dia 15 de julho de 2012, o primeiro texto fora publicado no site, [O que é a crítica de cinema](#), assinado por *À pala de Walsh*, inaugurando a rubrica Cadáver Esquisito, que neste momento não tem muita expressividade no site. As publicações ganharam uma regularidade segura, com vários textos a serem divulgados semanalmente, e amantes de cinema começaram a tornar-se, não apenas, leitores, como co-laboradores.

Raoul Walsh, o cineasta que antes de uma rodagem sofreu um acidente de automóvel e ficou zanolho, sendo a partir daí visto com uma pala, foi a inspiração para o nome, como homenagem. Fundado por Carlos Natálio ([Ordet](#)<sup>2</sup>), Luís Mendonça ([Dossier Arkadin](#)<sup>3</sup>), João Lameira ([O Alvo Sentado](#)<sup>4</sup>) e Ricardo Vieira Lisboa ([Breath Away](#)<sup>5</sup>) em 2012. Dos fundadores, três são atualmente editores, que rodam de três em três meses como editores chefe, e o quarto (Carlos Natálio) escreve críticas mensalmente.

Com algum elitismo cinéfilo admitido, continuam a ser dos sites de cinema mais apreciados pela comunidade cinéfila portuguesa. Criado pela necessidade de encontrar um espaço em falta, um espaço “onde se pudesse refletir sobre cinema, sem o constrangimento da limitação de caracteres, sem pressões da atualidade ou dos compromissos comerciais”, utilizando as palavras do fundador Carlos Natálio, em abril de 2021. Os membros fundadores escreviam, no tempo pré-*À pala de Wash*, individualmente nos seus blogues, então o investimento pessoal

---

<sup>1</sup> De modo a afastar o cinema de um “espetáculo de massa”, Ricciotto Canudo, teórico e crítico de cinema do século XX, quis aproximá-lo das Belas Artes, daí a sua denominação como “sétima arte”. (Aumont & Marie, Dicionário Teórico e Crítico de Cinema, 2006)

<sup>2</sup> Blogue cinéfilo de Carlos Natálio, iniciado em 2009, com inúmeras publicações anuais. Em 2021 teve um número reduzido de publicações e desde esse ano que não há atualizações.

<sup>3</sup> Blogue cinéfilo de Luís Mendonça, criado em maio de 2012. Partilha de eventos e workshops, programações da Cinemateca, CCB, conversas e informações para os seus alunos são alguns dos conteúdos que encontramos.

<sup>4</sup> Blogue cinéfilo de João Lameira com críticas sucintas e diretas, desde 2013. Antes da criação d’*O Alvo Sentado* teria outro blogue, onde seguia a mesma linha. Faz frequentemente menção ao *À pala de Walsh* e outros projetos.

<sup>5</sup> Blogue cinéfilo de Ricardo Vieira Lisboa. Publica maioritariamente fotogramas, cenas curtas e pequenas reflexões sobre cinema. Desde 2013 que não há atualizações.

no novo site fora natural. Atualmente, o *À pala de Wash* marca presença em diversos festivais a nível nacional.

Todos os autores do site são convidados, não havendo qualquer tipo de renumeração pelos seus textos e a frequência dos seus contributos difere de caso para caso. Dentro das 30 categorias de textos (6 dentro das Críticas, 7 no Em Foco, 4 nas Crónicas, 11 no Contra-Campo, Entrevistas e Acção!) e ainda um espaço dedicado a festivais nacionais e internacionais e um dossier para cineastas, o conteúdo é extenso e variado, assim como os estilos de escrita dos autores que o completam. Não existem colaboradores, mas sim “co-laboradores”; para justificar esta terminologia, os fundadores vão às origens dos conceitos de “trabalho”<sup>6</sup> e “labor”<sup>7</sup>, dizendo que a co-laboração no *À pala de Walsh* “responde a uma necessidade efetiva partilhada por todos”, a necessidade digestiva da escrita sobre o cinema.

Uma das rúbricas mais interessantes, no meu ponto de vista, é sem qualquer dúvida o [Vai~e~Vem](#)<sup>8</sup>, dentro do [Contra-Campo](#). É um jogo cinéfilo que convida dois *walshianos*<sup>9</sup>, e não só, a dialogar através da partilha de *stills*<sup>10</sup> que, a seu ver, se completem e uma história é criada com cinco fotogramas. Grande parte da expressividade do site encontra-se nas críticas e crónicas, que tendem a ser mais extensas e teóricas, o *Vai~e~Vem* é uma rúbrica diferente das habituais, contém pouquíssimo texto (apenas um parágrafo introdutório) e o resto cabe-nos a nós, leitores, criar e interpretar. Esta categoria chama pessoas de outras áreas, que não exclusivamente do cinema, a partilhar os seus *stills*<sup>11</sup> favoritos, acho interessante observar a panóplia de histórias que se podem formar.

Introdução da seção Quem Somos do site:

---

<sup>6</sup> Diz respeito a todas as atividades que visam a criação de algo que permanece, por exemplo, um edifício ou uma obra literária. (Porto Editora, 2024)

<sup>7</sup> Define a atividade humana que responde a impulsos essenciais, como comer, dormir e amar. (Porto Editora, 2024)

<sup>8</sup> Rúbrica com mínimo texto que envolve a troca de fotogramas entre *walshianos*, inserida dentro da categoria Conta-Campo.

<sup>9</sup> Nome atribuído àqueles que contribuem para o site *À pala de Walsh*.

<sup>10</sup> Foto ou fotograma, em português.

<sup>11</sup> Fotografia, uma única impressão fotográfica, como um dos quadros de um filme cinematográfico. (Dictionary.com LLC, 2024)

Alguém disse que escrever sobre música é como dançar sobre arquitectura. Escrever sobre cinema não é tarefa menos absurda. Construir um texto, palavra sobre palavra, acerca de mortos que vemos bem vivos, de estranhos que vemos chorar diante de nós e se riem do outro lado do mundo, de olhos que não vemos de todo (mas sabemos estarem por trás daquilo tudo). De passados que nunca foram e futuros que nunca hão-de vir, presentes enganosos. Mais vale contar números e estrelinhas, coleccionar trailers e as novidades de ontem. Nós não. Cometemos a imprudência dos que esculpem sobre teatro e pintam sobre literatura. Escrevemos sobre cinema. (À pala de Walsh, s.d.)

Foi esta introdução que inicialmente me atraiu ao site *À pala de Walsh*. A poesia com que se apresentam, a expectativa que criam e, mais tarde lendo o recheio, confirmam, tornam o site uma fonte de entretenimento fácil para uma amante e curiosa de cinema, como sempre me considerei. Comecei por ter simples acesso às suas publicações, por acompanhar a maioria das rúbricas, até que uma oportunidade de colaboração surgiu em junho de 2023 – não digo “surgiu” no sentido em que caiu do céu, tive de procurar e criar a oportunidade. Inicialmente, planeava realizar um estágio, sabia que gostaria de explorar a área da escrita de cinema então entrei em contacto com os editores do *À pala de Walsh*, não esperando obter uma resposta visto que nenhum e-mail, de aceitação ou rejeição do estágio, recebi na altura. Com surpresa, a resposta foi positiva. Devido a problemas burocráticos, o tal estágio caiu por terra, mas não a colaboração que tinha estabelecido, co-laboração essa que continua até à data. Desde cedo, os editores mostraram abertura para me receber e ensinar, e penso que o entusiasmo era mútuo. Discutimos mil e um projetos nos quais eu poderia ajudar, entre a criação de um plano para as redes sociais e a promoção de um livro celebratório dos 10 anos (que será publicado em 2024, para celebrar os 10+1 anos do site), acabei por encontrar o meu lugar na revisão. Crónicas, rúbricas, críticas, tudo o que incluía uma sequência de palavras passa por mim antes de ser publicado. Coesão frásica, de género e número, inclusão e eliminação de vírgulas e outros sinais de pontuação, para além da eliminação óbvia de erros ortográficos e garantir o cumprimento do acordo ortográfico, que o autor de dado texto escolheu adotar, são algumas das funções para as quais treinei os meus olhos. Além disso, devo ainda estar atenta e garantir que as regras de estilo do site são satisfeitas, tendo como cábula desde o início o livro de estilo usado pelos editores do *À pala de Walsh*.

A primeira tarefa que realizei em junho de 2023, simultaneamente com as habituais revisões de artigos, foi a revisão do livro *O Cinema És Tu*, uma coletânea de entrevistas realizadas pelos *walshianos* ao longo dos dez anos de existência do site, a entidades da área do cinema nacional

e internacional. Tive bastante medo. Os editores confiaram-me a revisão de um livro inteiro, de 417 páginas. Era uma tarefa a sério, que exigia responsabilidade. Tinha a data-limite de setembro e mensalmente ia enviando os meus apontamentos ao editor Luís Mendonça; em três meses o projeto, reví tudo. Aprendi a gerir bem o meu tempo, a entender quantas horas eram “demasiadas horas” à frente do computador e ler livros por prazer tornou-se difícil nesse verão. Estava de tal modo cansada de palavras, que nem uma fantasia leve conseguia aproveitar – comecei a ler cada vez mais livros infantis, foram a minha salvação. Apesar das dificuldades, tive grande prazer a completar esta tarefa.

No verão de 2023, foi-me pedido que apresentasse um plano de comunicação para as redes sociais. Com alguns conhecimentos prévios na área do marketing, criei um plano de ação para cada rede social (Facebook, Instagram e Twitter), tendo por base as características dos utilizadores de cada uma. A presença do *À pala de Walsh* nas redes sociais resume-se a publicação referentes às rúbricas (quando um artigo é publicado no site, em todas as redes é feito um *post* com uma imagem do filme em questão e um pequeno excerto do artigo), a meu ver, faltava conteúdo com que as pessoas se pudessem relacionar, republicar, partilhar, e algumas das minhas sugestões foram nesse sentido. A presença em podcasts culturais, criação e divulgação de passatempos (em que uma das condições de participação fosse seguir a página do site), estabelecimento de colaboração com cinemas ao ar livre, muitos queridos nos meses de primavera e verão, entre outras. Nem todas as ideias que apresentei foram adotadas, claro, mas senti-me sempre ouvida.

No primeiro mês de 2024, o *À pala de Walsh* convocou todos os seus autores para a participação num [dossier](#) especial, guardado há muito no fundo do cofre dos editores, dedicado a filmes de super-heróis – não cingido ao cinema atual ou excluindo o contemporâneo e comercial da DC ou Marvel. Foi dado aos *walshianos* total liberdade e espaço para discussão. E a mim foi confiada a tarefa adicional, para além das revisões recorrentes, de traduzir o artigo de Hélène Valmary, intitulado “Un surhomme dans la ville” (“Um Super-Homem na Cidade”), onde discute a influência da cidade nos filmes de super-heróis, como esta influencia a evolução do herói principal (e, por sua vez, a sua história). De francês para português, encarei a tarefa como um desafio e foi com grande prazer, um dicionário e um tradutor sempre à mão, que a completei.

O respeito pela vontade do autor foi desde cedo a maior dificuldade que encontrei, no que diz respeito à revisão de textos. Afastar o meu próprio estilo de escrita e aquilo que considero estar

“escrito da forma mais correta e clara” para ir ao encontro da escrita de dado autor tornou-se o mais importante. Fazer sugestões de melhoramento frásico, para clarear a forma como as ideias principais dos textos são transmitidas, mantendo o máximo possível do texto original, é o que tento fazer. Passaram-me (e continuam a passar) muitos textos pelas mãos e cada *walshiano* tem as suas especificidades – uns mais clássicos, outros mais contemporâneos, antigo acordo ortográfico ou novo acordo ortográfico, excesso de vírgulas e escassez delas, encontro de tudo. Como é de esperar, nem todos são do meu agrado e, no início, fazia muitos apontamentos para os alterar – alterações essas excessivas que quase interferiam com a essência dos ditos textos. Fui aprendendo a manter uma distância respeitosa e profissional das palavras de terceiras, penso que agora realizo um trabalho mais proveitoso e correto, enquanto revisora.

Escrever cinema não é exclusivamente escrita de argumento. Encontramos as críticas e crónicas nesta panóplia que a escrita de (e sobre) cinema abrange. Segundo (Leenhardt, 1986), a função da crítica é fornecer o espectador das ferramentas necessárias para aprender a interpretar cinema, para que não o “apanhe no ar” como a “tradução de uma língua estrangeira”. O papel do crítico e, diga-se, do cronista baseia-se na transcrição de opiniões, pensamentos e argumentos relevantes a dado filme, encontra-se tanto lado a lado com o leitor como com o realizador, podendo ajudar ambos a compreender a obra em questão. A ponte entre a escrita e o cinema é criada.

Segundo Inácio Araújo (Mendonça, 2023) assim é criada a ponte entre a escrita e o cinema:

O crítico não existe para estar atrás do leitor, mas, ao contrário, para antecipar-se a ele. Como é, supostamente, um especialista, dedica-se ao estudo daquilo, vê filmes constantemente, passados e presentes, lê textos a respeito, etc... Ele é alguém que tem algo a ensinar ao leitor que aprecia aquela arte, mas de maneira esporádica, sem um compromisso maior. Ou, caso seja um espectador frequente, o crítico estará ao seu lado, é alguém com quem o leitor dialoga, discute, concorda, discorda, etc. Resumindo: a crítica – como atitude diante do mundo – não é para consumidores, mas para cidadãos. E o mundo se desenha mais para consumidores do que para cidadãos. Azar o nosso.

Apesar de o *À pala de Walsh* ser um website conhecido e valorizado dentro do nicho, tenho vindo a notar uma dificuldade em expandir o círculo de leitores, a quem o conteúdo se faz chegar. Com uma escrita, por vezes, custosa de se seguir, até o leitor regular poderá saltar parágrafos para chegar mais rapidamente ao final do texto. Este facto poderá condicionar o

leitor, no entanto na escrita do autor não se deve alterar mais do que o necessário. É a regra de ouro.

Há diversas formas de fazer cinema, não única e exclusivamente fazendo filmes. Escrever sobre filmes, pensar sobre filmes, programar festivais de cinema, o simples ato de pegar numa câmara com o intuito de gravar um momento é fazer cinema. Embora sejam atividades diferentes, todas são abarcadas no que significa fazer cinema. Os *walshianos* fazem cinema porque escrevem (no mínimo) sobre cinema, porque pensam sobre cinema. A crítica, de uma forma muito geral, ajuda a formar um grau de respeito com obras artísticas, ou grau de desrespeito e desvalorização. Numa entrevista dada ao *À pala de Walsh*, o realizador e crítico Kleber Mendonça Filho<sup>12</sup> confessou que “a crítica é um cafuné ou um insulto”. Defendeu também que a crítica pode ser uma ferramenta auxiliar ao filme, pode ajudar a identificar erros que escaparam ao realizador ou encaminhar a audiência a uma dada interpretação (a sua) para que haja melhor entendimento da obra. Com uma perspetiva mais apocalíptica, Paul Schrader<sup>13</sup>, também numa entrevista para o *À pala de Walsh*, aproxima o crítico de um médico-legista, “alguém que faz autópsias (...) Tem esse corpo na mesa, quer abri-lo e perceber como e porque morreu.” E ainda acrescenta “Um realizador de cinema é como uma mulher grávida, tudo o que quer saber é certificar-se que a criança é entregue viva. Portanto, se deixas o crítico entrar na sala de partos, ele irá matar a criança”. A crítica pode ser vista como a expressão escrita pós-produção de um filme, o guião encontrar-se-á na pré-produção. A presença da literatura no cinema não é algo de novo. Cartas fulcrais para o desenvolvimento da narrativa (como no filme *Carta a Três Mulheres* (1949), de Joseph L. Mankiewicz), cinema “feito para se ler” como o cinema mudo, textos de cariz literário, a palavra escrita encontra-se em todas as fases do cinema.

---

<sup>12</sup> Realizador, guionista, produtor e crítico brasileiro, formado em jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Iniciou o seu percurso como crítico e jornalista, publicando em vários jornais no Brasil e revistas, assim como o seu próprio website, CinemaScópio.

<sup>13</sup> Com 0 filmes vistos antes dos 18 anos, ingressou no estudo do cinema em diversas universidades americanas. Início o seu percurso profissional como crítico, protegido de Pauline Kael. Passou para a escrita de guiões, dando-nos *Taxi Driver* (1976). Após o sucesso, começou a realizar os seus próprios filmes, reconhecido pela sua predisposição para tomar riscos estéticos e temáticos, dentro do sistema de Hollywood. *Mishima: a Life in Four Chapters* (1985), com uma co-produção japonesa é o seu mais aclamado filme original.

## Capítulo II, *A revista*

“Encontrar a ponte entre a escrita e o cinema” era o meu objetivo principal quando iniciei a procura por um estágio – entretanto não se realizou e redirecionei-me para a criação do presente trabalho de projeto. O objetivo evoluiu desde que iniciei a colaboração com o site cinéfilo *À pala de Walsh*. Com eles encontrei, de facto, a ponte entre a escrita e o cinema; o conteúdo que apresentam mostra como as palavras escritas se conectam com esta arte audiovisual, através de críticas e crónicas, entrevistas a profissionais da área, jogos, o conteúdo cinematográfico é traduzido, refletido e brincado por palavras.

Como disse, o meu objetivo inicial incidia maioritariamente na escrita e no cinema, agora, continuando com o foco principal na escrita, pretendo alargar as fronteiras a outras formas de artes. Encontrar a ponte entre a escrita e as diversas formas de arte, é o *moto* da revista que apresento. Pintura, escultura, música, artesanato, olaria, design, arquitetura, tudo conectado pela seiva da escrita.

Pretendo dar um lugar de especial destaque à arte literária, enquanto as restantes artes poderão não ter o mesmo destaque em todas as edições da revista (dada edição poderá apresentar artigos de música e nenhum de design, ou vice-versa), contos, poemas e crónicas literárias serão uma constante. Ficção ou não-ficção, artigos científicos, poesia, prosa poética, humor, ensaios, contos, teatro, excertos de romances ou biografias, as fronteiras da criatividade não estarão desenhadas. Textos com tendência política ou religiosa deverão ser escritos com respeito, a revista não será um local de propaganda extremista.

Abrir portas a autores inexperientes, assim como dar espaço para outros amadurecerem será de grande importância no processo contínuo de seleção de colaboradores. A possibilidade de inclusão e exclusão de talentos na equipa de autores colaboradores estará constantemente aberta, permitindo que aqueles com algo por dizer – segundo as linhas da revista – encontrem um espaço seguro para o partilharem. Pessoas criativas, motivadas, pensadoras, introvertidas ou extrovertidas, caladas ou faladoras, profissionais ou ainda a aprender, com excesso de ideias que a única forma será pô-las por palavras serão o tipo de autor que a revista pretenderá publicar.

O tipo de rubrica dependerá do género da escrita do colaborador: entre crónicas literárias ou de outro cariz, colunas de contos e poesia, uma seção para ensaios, jogos interartes, espaço

para a crítica e anúncio de projetos artísticos iminentes (livros, música, exposições de arte, cinema, entre outros), mais uma vez, de novos e maduros artistas. A proporção das diferentes rúbricas dependerá da edição, uma vez que estará também dependente da vontade de escrever dos colaboradores e da atualidade. Ou seja, enquanto uma dada edição pode ter maior presença de contos literários, a seguinte poderá ter maior peso na crítica.

No momento de edição do texto, passada a fase de revisão em que erros gramaticais, frásicos e inconsistências são detetadas, esta deverá ser interventiva, e não intrusiva. Manter a integridade original, e seguindo as vontades do autor, enquanto o texto é elevado, polido, clarificado, se necessidade existir. O processo de revisão deve seguir a mesma lógica, identificar os erros, no entanto tentar não tocar na essência do texto. A intenção do autor é importante. Regras de edição e revisão de texto, como estas e outras identificadas ao longo do capítulo, estarão esclarecidas no livro de estilo, que a revista seguirá de modo a uniformizar o texto.

Para auxiliar o processo criativo, e criar uma fluidez entre as rúbricas, certas edições poderão ser temáticas. Por exemplo, *Feminidade*, artigos escritos por pessoas que se identifiquem com o género feminino, nesta edição será realçado o poder, medo, desejo da mulher; *Vermelho no Dia a Dia*, será uma boa temática para artigos de artes visuais, uma vez que poderão brincar com elementos da dita cor do quotidiano, o que formará uma edição esteticamente agradável; *Fobias*, para a época outonal, quando o desejo pelo sombrio é geral, nesta edição serão incluídos textos em que o medo ocupa o palco principal, pinturas intrigantes, críticas a clássicos do cinema de terror, entre outros; *Natureza*, bom tema, mais uma vez, para as artes visuais, como a fotografia e a escultura, brilharão com destaque e criarem uma harmonia agradável entre o texto e a imagem. A adição de um tema poderá guiar a criatividade dos colaboradores e trazer coesão à edição.

A revista terá edições bimestrais, com espaço para evoluir para edições mais frequentes, para dar tempo e espaço aos colaboradores para recolherem ideias e não gastar os leitores com edições demasiado próximas temporalmente. Ao criar uma rotina (mês sim, mês não), pretendo não apenas deixar o colaborador mais à vontade, evitando o desgaste mental e criativo, como também permitir que a curiosidade do leitor cresça. Pretendo que o leitor fique expectante para ler a edição seguinte, o período de dois meses entre edições permite criar tensão, mas não exagerada para que o público-alvo se esqueça. Desta forma, nem o leitor nem o colaborador ficarão gastos ou desinteressados. O facto de ser uma revista verde, sem lugar conquistado

entre os leitores e pares profissionais, consolida a ideia da publicação bimestral. Revistas conhecidas e instaladas no meio, como *Granta*<sup>14</sup> (semestral), *Orpheu*<sup>15</sup> (trimensal), *Ruído Manifesto*<sup>16</sup> (semanal), *Vértice*<sup>17</sup> (trimensal) e *Flauta de Luz*<sup>18</sup> (anual) poderão ter (tiveram) edições mais ou menos frequentes.

Certos sites, como o *Ípsilon*<sup>19</sup>, do Público, e o *À pala de Walsh* aproximam-se levemente da revista que pretendo criar. Apresentam um conteúdo cultural diversificado e têm um público assegurado. No entanto, e seguindo os exemplos dados anteriormente, considero o *Ípsilon* excessivamente abrangente (talvez para dar resposta às necessidades de um público, também ele, abrangente), e o *À pala de Walsh* demasiado dentro do nicho (dão resposta às necessidades de leitura do público atual, sem conseguirem com muita facilidade chegar a novos leitores). Por outro lado, revistas independentes e de menor dimensão, como a *Azar*<sup>20</sup>, *Jornal S/ Título*<sup>21</sup> e *Lote*<sup>22</sup> despertam-me interesse, não apenas no sentido estético e em termos de conteúdo, mas pela forma como se apresentam aos leitores (no mercado). As redes sociais são a principal

---

<sup>14</sup> Revista fundada em 1889 por estudantes da Universidade de Cambridge, batizada como homenagem ao rio que banha a cidade, que publicou os primeiros trabalhos de escritores reconhecidos internacionalmente, como Sylvia Plath e Ted Huges. As edições são traduzidas para outras línguas, sendo o português uma delas.

<sup>15</sup> Grito do modernismo em Portugal sob a forma de revista literária, legado de Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro, publicavam poesia, prosa e teatro. Chamados de loucos criaram uma revista marcante para a história da cultura portuguesa. Apenas teve duas edições, tendo sido planeada uma terceira que, dado uns problemas, nunca chegou a ser apresentada ao público.

<sup>16</sup> Revista online de literatura, crítica e audiovisual fundada em 2017. “Uma encruzilhada virtual onde toda a literatura em língua portuguesa grita e é livre”, segundo a página de Instagram.

<sup>17</sup> Revista fundada em Coimbra em Maio de 1942, com “temas no quadro da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade”. Com especial incisão na cultura, reforça a criação literária, artística, filosófica e científica, sem esquecer a realidade económica, social e política. Sob a direção de um grupo de jovens, em fevereiro de 1945 tornou-se “um instrumento de resistência à ditadura do Estado Novo” e “uma tribuna do movimento neorrealista português”. Tem edições até ao dia de hoje.

<sup>18</sup> Revista com 10 anos de história, com especial foque pela intervenção político-filosófica e um forte substrato ecologista. Nasceu da confluência de dois temas: o acelerado desenvolvimento das tecnologias industriais em âmbitos cada vez mais alargados e a permanência cultural e política de contratantes povos e comunidades ancestrais

<sup>19</sup> “Tudo o que é cultura está no Ípsilon”, segundo o seu site. Livros, cinema, música, artes, teatro, este suplemento dá a conhecer as atualidades da cultura em Portugal.

<sup>20</sup> Revista independente interartes, com edições semestrais, ligada à editora, também independente, Subsolo.

<sup>21</sup> Revista interartes independente “por e para artistas emergentes”.

<sup>22</sup> Revista com especial foque em ensaios e poesia.

forma de comunicação e a abertura de open-calls, para que nomes novos e maduros tenham igual oportunidade de ver o seu trabalho publicado em edições por vir, tornam-nas atrativas e acessíveis, tanto ao leitor como ao possível colaborador.

As estratégias de promoção da minha revista prender-se-ão largamente às redes sociais, uma vez que é nesse meio que se dá a conhecer e se conhece as novidades. Chegando a um maior círculo de possíveis leitores, a divulgação de uma revista sem precedentes no mercado, como esta, poderá ser facilitada. Uma estratégia para cada rede social (Facebook, Instagram, Twitter (agora X) e Tik Tok) será desenvolvida, uma vez que cada rede chega a uma tipologia de público diferente. Sendo o Facebook mais frequentemente utilizado por pessoas de uma faixa etária mais madura (30 anos para cima), o tipo de publicação será mais direto, sem floreios: divulgação da data de publicação da edição seguinte e publicações com os conteúdos artísticos que a mesma incluirá. Já o Instagram é maioritariamente utilizado por jovens com menos de 30 anos, então o conteúdo poderá ser mais dinâmico: publicação de *stills* com frases importantes de filmes (com que os leitores se possam relacionar) e excertos de poemas; criação de um “trailer” para a edição seguinte através da publicação de excertos de crónicas, por exemplo; presença ativa com *instastories*, para manter a revista viva na mente dos seguidores. Também o Twitter é mais frequentemente utilizado por jovens com menos de 30 anos; o conteúdo recairá sobre a publicação de *stills*, excertos de poemas e crónicas (à semelhança do Instagram) e em conversas “diretamente” com os seguidores, fazendo perguntas diretas sobre as edições e os conteúdos.

Em todas as redes, poderá ser incluída a criação de passatempos, com oferta de bilhetes para antestreias de filmes e entradas para exposições, por exemplo. Publicações relacionadas com os conteúdos das edições seguintes servirão como *trailer*, anteverão as rúbricas a ser publicadas.

As redes sociais não serão a única forma de dar a conhecer a revista ao mercado, também a criação de parcerias será crucial. Estabelecer relações profissionais com livrarias

independentes (como Greta<sup>23</sup>, Ler Devagar<sup>24</sup>, STET – livros e fotografias<sup>25</sup>, Photo Book Corner<sup>26</sup>, entre outras na zona de Lisboa, e Térmita<sup>27</sup>, Gato Vadio<sup>28</sup> e Poetria<sup>29</sup>, entre outras na zona do Porto), presença em festivais de verão (Primavera Sound<sup>30</sup>, Meo Kalorama<sup>31</sup>, EDP Cool Jazz<sup>32</sup>, entre outros) e outros meios de comunicação (como podcasts pré-existentes e reconhecidos no nicho – como Os Cinéfilos que Ninguém Pediu<sup>33</sup>) será pertinente. Ter uma distribuição com maior incidência, nas edições iniciais, nas zonas das grandes cidades será estratégico, uma vez que tendo uma maior população, poderão igualmente ter mais possíveis leitores, no entanto não serão excluídas cidades menores, como Évora e Coimbra.

Em conversa com o editor-chefe da revista *Flauta de Luz*, pude entender um pouco melhor o funcionamento da mesma: não se trata de uma revista literária, embora dê importância à poesia e à prosa ficcional, a intervenção político-filosófica, com um substrato ecológico é de maior importância. Não tem um público-alvo pré-definido, segundo o editor dirige-se a qualquer pessoa interessada nos assuntos que aborda, no entanto, quando em 2017 passou a ter distribuição nacional pela Editora Antígona, o círculo de leitores tem vindo a expandir-se. Não é feita qualquer forma de publicidade, deliberadamente. Sem fins lucrativos, nasceu de uma

---

<sup>23</sup> Livraria feminista, a primeira da cidade de Lisboa, cresceu do online para um espaço físico em 2023. Toda a decoração e o recheio das estantes proveio da criatividade de mulheres.

<sup>24</sup> Livraria bem famosa localizada na igualmente famosa Lx Factory, espaçosa, com dois andares, um café e um ambiente acolhedor para quem deseja encontrar a próxima leitura ou aproveitar a atual.

<sup>25</sup> Inicialmente localizada numa cozinha do século XVIII no Bairro Alto, agora no Mercado de Arroios, é um espaço dedica à venda de livros de arte, fotografia e edições de autor.

<sup>26</sup> Livros, revistas e jornais, site que virou loja, aposta agora nas novidades e obras inéditas. Loja especializada em livros de fotografia, nascida em 2012 pela mão de Rui Ribeiral.

<sup>27</sup> Livraria generalista, com particular interesse por fotografia, poesia, prosa, ensaio e publicações inusuais. Acreditam no livro como um “objeto materializado”, segundo o website.

<sup>28</sup> Livraria, café-bar, associação cultural e espaço de intervenção social. Ambiente boémio com frequentes eventos políticos, de poesia e música.

<sup>29</sup> Especializada em poesia e teatro desde 2003.

<sup>30</sup> Festival que se foca na inclusão de uma panóplia de estilos e artistas, nacionais e internacionais. Realiza-se no Porto.

<sup>31</sup> Festival musical de verão, com grande preocupação pela sustentabilidade, compromete-se em gerar benefícios culturais, sociais e económicos para a comunidade local. Realiza-se no Parque da Bela Vista, em Lisboa.

<sup>32</sup> Evento musical que engloba música, natureza e património, em Cascais.

<sup>33</sup> Podcast apresentado pelos cinéfilos João Torgal e Daniel Mota onde partilham as suas opiniões sobre filmes “a não perder e... a não ver”, segundo descrição no Spotify.

colaboração nacional e internacional, pro-bono. Não conta, nem deseja contar, com subsídios. É inteiramente independente.

O facto de não ser feita qualquer publicidade justifica a dificuldade que tive em recolher informação sobre a mesma. Para a revista que crio, será feita publicidade não apenas nas redes sociais, como também nos meios de comunicação social. A publicação de artigos em jornais e revistas (on-line e em papel) para dar a conhecer o género da revista apresentada será importante, não apenas numa fase inicial. Ter um artigo publicado na *Comunidade Cultura e Arte*<sup>34</sup> ou no *Ípsilon* será começar com uma vantagem, um degrau acima, uma vez que estas plataformas, que já têm um grupo de leitores consolidado e que poderá gostar do conteúdo da revista que projeto, vão-nos “emprestar” leitores. Desta forma será com maior facilidade gerado interesse desde a primeira edição. A presença em Feiras do Livro, como as maiores de Lisboa e Porto, será de grande importância para diminuir a distância entre a revista em si e os leitores – criar uma sensação de proximidade e acessibilidade, não apenas para o leitor como também para o potencial autor.

Experienciar algo inédito acarreta os seus riscos, poucos o fazem. O ser humano precisa de segurança e, por isso, procuramos conselhos, recomendações de quem mais sabe. Seguindo essa premissa, o “passa a palavra” da revista será a principal estratégia de promoção. Aliado a uma presença ativa nas redes sociais e começando pelos autores-colaboradores, espalharemos a revista por conhecidos, que a passarão aos seus conhecidos, por aí em diante. A recomendação de boca-em-boca será estrategicamente utilizada.

O caso da revista *Gazzetta Tabaco* é um exemplo de como o “passa a palavra” funciona. Nascida em 2021, um grupo de amigos criou a plataforma para que pessoas, em especial artistas em ascensão, nacionais e internacionais, encontrassem um sítio para se expressar; definem-se como “uma galeria de arte em forma de revista de bolso”. Inicialmente restrito ao círculo de amigos, a palavra passou para fora e leitores e colaboradores começaram a surgir vagarosa, mas certamente, acompanhada por uma sólida presença no Instagram. Recentemente conseguiram, inclusive, atingir um objetivo: eventos físicos – durante três meses, mais de 3000 pessoas visitaram no Campo Pequeno a galeria que compuseram (pela curadoria de um

---

<sup>34</sup> Projeto de informação, no meio digital, que pretende não apenas dar a conhecer, como também homenagear a cultura e a arte, nacional e internacionalmente.

membro da equipa); e ainda a presença de pequenos pop-ups, em festivais como o Paredes de Coura, e outros eventos parceiros.

Eventos como o festival Paredes de Coura como parceiro é algo que não me tinha ocorrido, por ter um ambiente tão intrinsecamente diferente daquele que o leitor procura no momento de apreciação de arte escrita, a meu ver. No entanto, talvez faça sentido, uma vez que é nesse ambiente que encontramos público jovem, com quem a revista poderá crescer e amadurecer.

Definir o público-alvo será tão importante quanto definir o autor a procurar, o colaborador. No que diz respeito ao público-alvo, esse não será definido segundo padrões geodemográficos ou geracionais, basear-se-á em características psicológicas. Pessoas abertas à novidade, interessadas não apenas pelas artes, mas pelo mundo, curiosas e atentas serão as linhas gerais do público a que a revista querera chegar. O colaborador (autor) deve conter todas as características do público-alvo, adicionando a criatividade que o motiva a criar e escrever. A procura por este último, que será quem fará o recheio da revista, numa fase inicial, restringir-se-á a meus conhecidos das diferentes áreas. Desta forma a primeira edição estará garantida. Após a estreia, procurarei entrar em contacto com mais pessoas de interesse e manter-me aberta ao contacto de novos talentos.

Para dar vida às edições poderão ser feitos crowdfunding<sup>35</sup>, pedidos de apoios a câmaras municipais e bolsas dedicadas à cultura. A Europa Criativa, enquanto programa da União Europeia que apoia os setores da cultura e criativos, disponibiliza várias possibilidades de financiamento, não só, para a criação de obras ou projetos que visem a expansão da cultura, como também auxiliam a sua promoção; tendo como exemplo, o Creative Innovation Lab (Laboratório de Inovação Criativa) que “visa implementar métodos e abordagens inovadoras que tenham impacto na criação, na distribuição e na promoção de conteúdos.” Melhorar a competitividade do setor na Europa é, claro, um dos impactos esperados na atribuição de bolsas como a apresentada, e as propostas poderão ser apresentadas a título individual.

Com a expansão da zona de interesse, os conteúdos da revista serão adaptados às regiões onde estas serão distribuídas. Podendo, inclusive, funcionar como calendário cultural. Em parceria com câmaras municipais, as páginas finais serão dedicadas à apresentação de exposições,

---

<sup>35</sup>Financiamento coletivo de uma ideia ou iniciativa ou de uma identidade, através do contributo de um grande número de pessoas, geralmente angariado através da Internet (Priberam Informática, S.A., 2023).

espetáculos, concertos e outras diversas atividades culturais que a região dinamizará no período do lançamento de dada edição. Deste modo, garantirei o apoio das câmaras de vários pontos do país. O apoio pode ser traduzido em financiamento direto ou no comprometimento da compra de x exemplares, assim como na sua distribuição regional.

O crowdfunding será uma forma de receber contributos por parte de leitores, admiradores, entidades e associações interessadas. Utilizando estes métodos, a revista terá financiamento inicial e para a continuidade.

A inclusão de publicidade dentro da revista foi algo que considerei. Várias revistas de tipologia semelhante optam por não incluir elementos publicitários nas suas páginas. Um problema ético, digamos, que poderia colocar em causa a integridade da revista. Em conversa com a editora da revista *Azar*, Lia Cachim, questionei-a sobre a escolha consciente de não procurar financiamento exterior, ao qual me justificou como sendo uma “escolha estratégica, mais que ética”. Nos diversos projetos experimentais que gere, realçou a importância de manter controlo sobre o alcance e o crescimento orgânico, daí não colocar de parte eventuais apoios, mas não os procurar. Deseja manter “a escala do projeto na sua pequenez original”.

Por um lado, a exclusão de páginas de publicidade e anúncios poderia cortar a fluidez da revista, interromper a estética, criar dependência financeira e a necessidade de “dar justificações” daquilo que é feito. Por outro lado, fontes de financiamento e apoios permitiriam remunerar os colaboradores, auxiliar no custo de impressão e, de uma forma mais geral, fazer a revista andar. A escolha tornou-se fácil quando analisei a minha conta bancária e notei que não tinha possibilidades para desenvolver este projeto confortável e independentemente, por essa razão, será incluída uma página com elementos publicitários, na primeira página ímpar ou última página par da revista.

A capacidade de criar ordenados sustentáveis para os colaboradores é um dos objetivos principais. Criar fontes de emprego para pessoas envolvidas nas artes foi outro dos motivos pelo qual tendi para a inclusão de elementos publicitários na revista. Pretendo, com isto, apresentar um espaço que proporcione conforto financeiro, para que artistas não criem os seus projetos exclusivamente em part-time ou como *hobbie*.

A nível nacional, estamos relativamente (não comparativamente) bem munidos de revistas com foco na cultura, tanto de cariz independente como o contrário. Nestas revistas independentes – *Jornal S/ Título*, *Lote*, *Azar*, *Gazzetta Tabaco* – encontra-se conteúdo particularmente

interessante, cuidado e esteticamente apelativo; são revistas em crescimento, preocupadas primeiramente com o recheio das suas edições, e não com as burocracias que a dependência financeira pode acarretar. Dão oportunidade a artistas emergentes. Os exemplos gigantes, massificados, como o *Ípsilon*, *Metropolis*<sup>36</sup> e *Revista Bica*<sup>37</sup>, embora tenham encontrado segurança no mercado, pecam, a meu ver, pela diversidade excessiva de assuntos que publica. Escrevem em quantidade, então a qualidade poderá ser comprometida.

O feedback do leitor é algo a ter em consideração, uma vez que a revista é feita para agradar, não apenas, a quem a cria, como também a quem a lê. No interior do verso da contracapa, será incluído um código QR, que redirecionará o leitor a uma página online. A mesma disponibilizará “um cheirinho” da edição seguinte: um poema, uma pintura, uma escultura, algo relativo à edição seguinte. Na página, o leitor encontrará um questionário mínimo e simples, onde poderá expressar a sua opinião sobre os temas apresentados e os que gostaria de ler. Deste modo, poderei ter em conta as vontades dos leitores na criação de edições futuras. No verso da capa, estará impresso um código do Spotify com uma música que combinará com a edição que o leitor tem nas mãos. A música cuidadosamente escolhida acompanhará a leitura – é adicionado um sentido ao ato de ler. Berlioz, artista do Reino Unido conhecido pelo seu estilo de música Downtempo<sup>38</sup>, experimenta jazz, música clássica, entre outros géneros com a música eletrónica para produzir áudios atmosféricos. A sua música *Miro* (2022) inicia com um som atmosférico e uma narração feminina, que se debruça sobre um artista perdido em Paris e em si mesmo. O ritmo é construtivo, vão sendo adicionadas camadas e a música cresce, por estes motivos penso que acompanhará bem a leitura da primeira edição da revista. Sem uma letra muito predominante e ritmo que embala, não atrapalhará o momento de leitura. Uma música (de 3 minutos e 20 segundos) não será suficiente para acompanhar a leitura da edição na íntegra, no entanto, caso a mesma se repita, ou evolua para outra do mesmo género, penso que o sentimento se manterá. Para evitar que o Spotify do leitor disperse para outros géneros, que não complementem a leitura, para edições futuras poderá ser criada uma playlist que dure, em média, o tempo de leitura da revista na íntegra.

---

<sup>36</sup> Revista de cinema que, no período da pandemia de 2020, abandonou as publicações em papel e teve a sua maior expressão no site online, de igual nome.

<sup>37</sup> Revista e site cujas temáticas percorrem literatura, enologia e gastronomia, viagens, música, cinema, teatro e atualidades do país.

<sup>38</sup> Género de música eletrónica onde prevalece um andamento calmo.

Uma licença poderá ser necessária para que a adição do código QR de músicas ou playlists nas edições seja legal. Após várias pesquisas, não cheguei a uma resposta, nem a um valor concreto, por isso será um detalhe a ser analisado caso este projeto se concretize. O custo de impressão foi algo que não consegui calcular e será, também, considerado caso o projeto se concretize.

O processo de criação do design da revista foi custoso e demorado. Comecei por recolher referências de outras revistas do nicho e fora, e criar a paleta de cores, que incidirá em tonalidades verdes e vermelhas. Falei com alguns amigos da área que poderiam estar interessados em participar nesta primeira edição e, ao me concederem autorização para manobrar os seus materiais, tentei criar uma forma dinâmica, visualmente apelativa e estética para os dispor. A capa foi construída por [Madalena Pegado](#), aluna da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Em conversa com diversos editores, apercebi-me, sem surpresa, que a plataforma mais utilizada para a criação deste género de design é o InDesign, da Adobe, no entanto como não podia subscrever a mensalidade do mesmo, recorri ao CanvaPro, que se revelou prático e satisfiz as minhas necessidades e conhecimento limitado na área. No modelo estão incluídas a capa e o verso, uma página introdutória com a explicação do nome da revista, o índice e 5 exemplos de artigos.

Um espaço seguro e criticamente interessante para a exposição de novos nomes e confortável para a partilha periódica de materiais de talentos sólidos nas respetivas áreas. Um intercâmbio artístico, esteticamente cuidado e curioso. Algo que o leitor quer ler e para onde o autor quer escrever. O nome teve inspiração num parágrafo de *The Bell Jar*, de Sylvia Plath, sobre uma figueira. Esther, a narradora, faz uma aproximação entre a figueira do conto, com múltiplos figos que vê cair aos seus pés, sem nada fazer, e as possibilidades da sua própria vida.

Sylvia Plath (1971) em *The Bell Jar*:

I saw my life branching out before me like the green fig tree in the story. From the tip of every branch, like a fat purple fig, a wonderful future beckoned and winked. One fig was a husband and a happy home and children, and another fig was a famous poet and another fig was a brilliant professor, and another fig was Ee Gee, the amazing editor, and another fig was Europe and Africa and South America, and another fig was Constantin and Socrates and Attila and a pack of other lovers with queer names and offbeat professions, and another fig was an Olympic lady crew champion, and beyond and above these figs were many more figs I couldn't quite make out. I saw myself sitting in the crotch of this fig tree, starving to death, just because I couldn't make up my mind which of the figs I would choose. I wanted each and every one of

them, but choosing one meant losing all the rest, and, as I sat there, unable to decide, the figs began to wrinkle and go black, and, one by one, they plopped to the ground at my feet.

Este parágrafo está queimado na minha mente desde o primeiro momento em que o li. A figueira de onde florescem todas as possibilidades de alguém, todas as versões que nascem e padecem, futuros coincidentemente possíveis e intocáveis. Na figueira, a realidade e o fictício vivem em harmonia. *Fig Tree*, onde as artes convivem entre as linhas do (i)real. *Figueira* será o nome da revista. Ocupando o lugar do narrador da história, que sentada junto do tronco observa a imensidão de figos nos ramos, tentarei não deixar que algum caia e amadureça no chão. Tentarei colhê-los e servi-los à mesa. O meu objetivo é criar um lugar onde os figos sejam apreciados, valorizados. Numa revista tal cesto de fruta.

### Capítulo III, Reflexões

Criei este projeto por motivos um tanto egoístas. No ano letivo de 2021/2022, frequentei a Pós-Graduação em Artes da Escrita, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nesse período, escrevi uma coletânea de contos que, como qualquer aspirante a escritora, gostaria de publicar. Entrei em contacto com várias editoras e recebi uma proposta de publicação, a qual me custaria muito mais do que uma estudante-trabalhadora estaria preparada a dar. A editora publicava em quantidade, não qualidade. Ao ingressar no mestrado em Edição de Texto, pela mesma instituição, tentei encontrar revistas portuguesas onde pudesse publicar os meus contos, e fosse remunerada ou não pela minha arte. Procurei dentro das mais pequenas, das independentes e foi aí que comecei a acompanhar tantas edições cativantes, no entanto o orgulho de ter contos e poemas publicados não enche a barriga. Por isso desenvolvi este projeto, quero que, como eu, artistas emergentes e maduros se sintam confortáveis para partilhar os seus trabalhos, sem pôr em causa o pagamento da renda do próximo mês. Inicialmente, a revista seria focada no cinema, no entanto com o desenvolvimento do projeto, decidi que seria necessário abrir espaço para as restantes artes, dando oportunidade a artistas das diferentes vertentes.

Não apresento um modelo novo – tenho grande admiração pelo *Jornal S/ Título*, de onde me inspirei, por ser um projeto “por e para artistas emergentes”, que é algo que tento valorizar na *Figueira*. Em conversa com tantos editores, acabei por adotar os modos de ação que considero mais eficientes e de encontro aos meus objetivos (como a presença em festivais da *Gazzetta Tabaco* ou o modo de comunicação nas redes sociais do *Lote*). Com corte e costura criei este projeto. Diferente das grandes estruturas assentes no mercado, como a *Comunidade Cultura e Arte*, pelo diferente modo de seleção de artigos a publicar; diferente dos modelos independentes, pelo desejo de remunerar o artista/colaborador. É certo que, com o tempo, os modelos da revista vão sofrer metamorfose, adaptando-se às necessidades da altura para tentar dar resposta ao público leitor, no entanto, espero não perder de vistas os valores vitais que aqui descrevo e defendo.

O tempo com o *À pala de Walsh* foi crucial para entender com maior precisão o meio. Compreendi o trabalho de lidar com autores para quem datas limites são meras sugestões, de captação de novos co-laboradores, pedindo emprestada a terminologia ao *À pala de Walsh*, e gestão da publicação de textos do mês para que haja equilíbrio no site, regras de edição e

harmonia de artigos online, que a vontade do autor e o seu modo de escrita devem ser respeitados, que o dicionário é o melhor amigo de um revisor. Embora não tenha tido a oportunidade de editar do início nenhum texto, era ouvida sempre que fazia sugestões nesse sentido.

Com o *À pala de Walsh* coloco em prática diariamente os conhecimentos que adquiri ao longo do mestrado em Edição de Texto. Olho criticamente os textos que por mim passam, aplico as técnicas de edição que constam no livro de estilo do site, até a análise física das características de um livro e revistas, cuja utilidade no ano passado não compreendia durante a unidade curricular de História do Livro, agora faço. Foco este conhecimento adquirido para a criação, e talvez sucesso, deste projeto.

Há um bar perdido nos Anjos, em Lisboa, *A Mata*, tem concertos ao vivo, luz ambiente confortável, imensas plantas a decorar o local e, dentro de uma pequena estufa, infinitas edições da revista *National Geographic*, em português e inglês. Não estão lá para venda, apenas para serem apreciadas – lidas ou admiradas pelos clientes do bar. As capas desta grande revista tornaram-se icónicas pela moldura amarela, simples e estética. Tal como um livro é exposto numa estante, as *National Geographics* são expostas. Com isto, desejo que as edições da *Figueira* atinjam a expectativa natural dos livros – sejam guardadas, expostas, admiradas, tal como as *National Geographics* na pequena estufa daquele bar perdido nos Anjos.

A ameaça do digital – digo “ameaça” sem a menor conotação negativa – não é iminente, já chegou ao real. Será que apostar na impressão em papel da *Figueira* é uma boa ideia? Penso que sim. E, qual o futuro do livro e, digamos, das revistas em papel? Ninguém sabe com certeza. A definição de livro é expansiva, em termos de conteúdo e formato, tal como a de revista; é adaptativa, acima de tudo. Papiro, pergaminho, codex<sup>39</sup>, até ao livro que nos chegou aos dias de hoje, todos foram sofrendo as metamorfoses naturais impostas para a evolução. Agora, as folhas esbranquiçadas, a capa sólida e o cheiro a papel impresso são trocados, mas não abandonadas, pelo ecrã com luminosidade ajustável, tamanho da letra adaptado a todos os olhos e 16G de memória de um e-reader. É cómodo para quem quer ler o *Ulysses*, de James

---

<sup>39</sup> O pergaminho foi escrito, como o papiro, de um lado só, até que se descobriu ser perfeitamente possível fazê-lo das duas faces. Enquanto a escrita era realizada apenas no reto, o pergaminho era enrolado, como o papiro, para construir o *volumen*. A escrita no reto e no verso vai dar nascimento ao códex, isto é, ao antepassado imediato do livro. (Martins, 1957)

Joyce, mas não carregar com o calhamaço. Esta nova tipologia de livros está para ficar. A venda de e-books pode ter diminuído a dos livros em papel, mas não os retirou do mercado. Talvez o futuro esteja no digital, e vários jornais já dispõem o seu conteúdo nesse meio, no entanto não abandonam a impressão em papel. As mudanças são naturais e fáceis para quem as aceita – o teatro evoluiu para o cinema com o desenvolvimento da camera de filmar, a pintura realista foi obrigada a redefinir-se pela invenção da fotografia. Tento respeitar as transformações do mundo e crescer com elas. Acredito que haja espaço para a revista digital e a revista em papel proliferarem, em conjunto. Há espaço para ambos serem valorizados. E, se quero que a minha revista seja exposta, tenho de a imprimir. Por isso a escolha não é tão difícil.

Encontrar a ponte entre a escrita e o cinema deixou de ser suficiente. O site *À pala de Walsh* encontrou-a, solidificou-a. Está nas críticas, nas crónicas, nas rúbricas, nos jogos, a escrita e o cinema estão em cada recanto do site. Porém, queria ir mais além. Tal como os editores do site foram motivados pela criação de um espaço novo para o cinema em Portugal, também eu quero dar aos artistas nacionais um recanto onde possam evoluir, não apenas sobreviver. Foi o que tentei fazer com o desenvolvimento deste projeto.

## Conclusões

O meu tempo no *À pala de Walsh* ensinou-me a olhar o texto de uma forma diferente. Ensinou-me a criar uma distância de respeito com as palavras, a lê-las calmamente, com tesoura, agulha e linha sempre à mão, pronta para arranjar qualquer bainha textual que possa ter escapado ao autor. Calma, frieza, espírito crítico e muita atenção é o que tento ter, no momento de tratar o texto. “O editor edita como uma pessoa que fala do seu divórcio de há 30 anos”, disse-me uma vez o professor Rui Zink. Seguirei esta linha na minha vida profissional.

Espaço crítico e confortável, onde artistas pequenos têm oportunidade de ganhar confiança na sua arte e artistas maduros podem florescer. Uma partilha artística, estética, curiosa e cuidada. Cada qual trará a sua arte e a *Figueira* não a deixará amadurecer no chão. À sombra da figueira, esperarei que os figos estejam prontos a serem colhidos e dar-lhes-ei tantas páginas quanto possível para que sejam apreciados. Uma revista tal cesto de frutas, bem no centro da mesa, exposta e valorizada.

Inicialmente estava preocupada com a viabilidade financeira que este projeto poderia traduzir. Se, economicamente, seria proveitoso a criação da *Figueira*. Nesse sentido não poderei argumentar, uma vez que não fui capaz de calcular os custos de impressão e outras questões legais que possam surgir. Não sei se será financeiramente viável, só sei que desenvolver este projeto, criar uma revista do nada, contactar artistas, identificar técnicas de ação promocional e editorial, até desenhar o design me deu uma imensidão de prazer. Embora a rentabilidade económica seja uma preocupação, visto que um dos objetivos que designei foi a criação de postos de trabalho para artistas, numa fase inicial tal poderá não ser possível. Só quem têm heranças pode dizer com confiança que o dinheiro não importa, importa porque ninguém vive de água e ar, mas, primeiro a *Figueira* terá de germinar e, até que cresça, correrei, transpirarei e esforçar-me-ei com gosto.

Terei sorte se conseguir trazer este projeto à luz do dia – farei a minha sorte. Por isso, embora não saiba se será algo financeiramente viável, sei que valerá a pena.

**Anexos**

Edição nº0  
Março 2024





*Figueira, onde as artes convivem entre as linhas do (i)real e nenhum figo é  
deixado amadurecer no chão.  
Uma revista tal cesto de fruta.*

FIGUEIRA Nº0





“Vi a minha vida ramificar-se como a figueira verde da história. Da ponta de cada galho, como um figo roxo gordo, um futuro acenava e piscava. um figo era um marido e uma casa feliz e crianças, e outro figo era uma poeta famosa e outro figo uma professora brilhante, e outro figo era Ee Gee, a fantástica editora, e outro figo era Europa e África e América do Sul, e outro figo era Constantin e Sócrates e Átila e uma matilha de outros amantes com nomes estranhos e profissões excêntricas, e outro figo era uma campeã olímpica de remo, e para além desses figos estavam muitos mais figos que eu não entendia. Vi-me sentada junto ao caule da figueira, a morrer de fome, só porque não conseguia decidir que figo escolher. Eu queria todo e qualquer um deles, mas escolher um significaria perder os restantes e, lá estava sentada, incapaz de decidir, quando os figos começaram a encolher e escurecer, um a um caíram ao chão, à beira dos meus pés.”

(tradução da editora)

Sylvia Plath, *Bell Jar*

“I saw my life branching out before me like the green fig tree in the story. From the tip of every branch, like a fat purple fig, a wonderful future beckoned and winked. One fig was a husband and a happy home and children, and another fig was a famous poet and another fig was a brilliant professor, and another fig was Ee Gee, the amazing editor, and another fig was Europe and Africa and South America, and another fig was Constantin and Socrates and Attila and a pack of other lovers with queer names and offbeat professions, and another fig was an Olympic lady crew champion, and beyond and above these figs were many more figs I couldn't quite make out. I saw myself sitting in the crotch of this fig tree, starving to death, just because I couldn't make up my mind which of the figs I would choose. I wanted each and every one of them, but choosing one meant losing all the rest, and, as I sat there, unable to decide, the figs began to wrinkle and go black, and, one by one, they plopped to the ground at my feet.”

Sylvia Plath, *Bell Jar*

FIGUEIRA Nº0

The background of the page features a soft, muted green color with a faint, artistic illustration of fig leaves and fruit. The leaves are large and lobed, with prominent veins, and the fruit is shown as a cluster of small, round, green figs hanging from a stem. The overall aesthetic is natural and organic.

## Índice

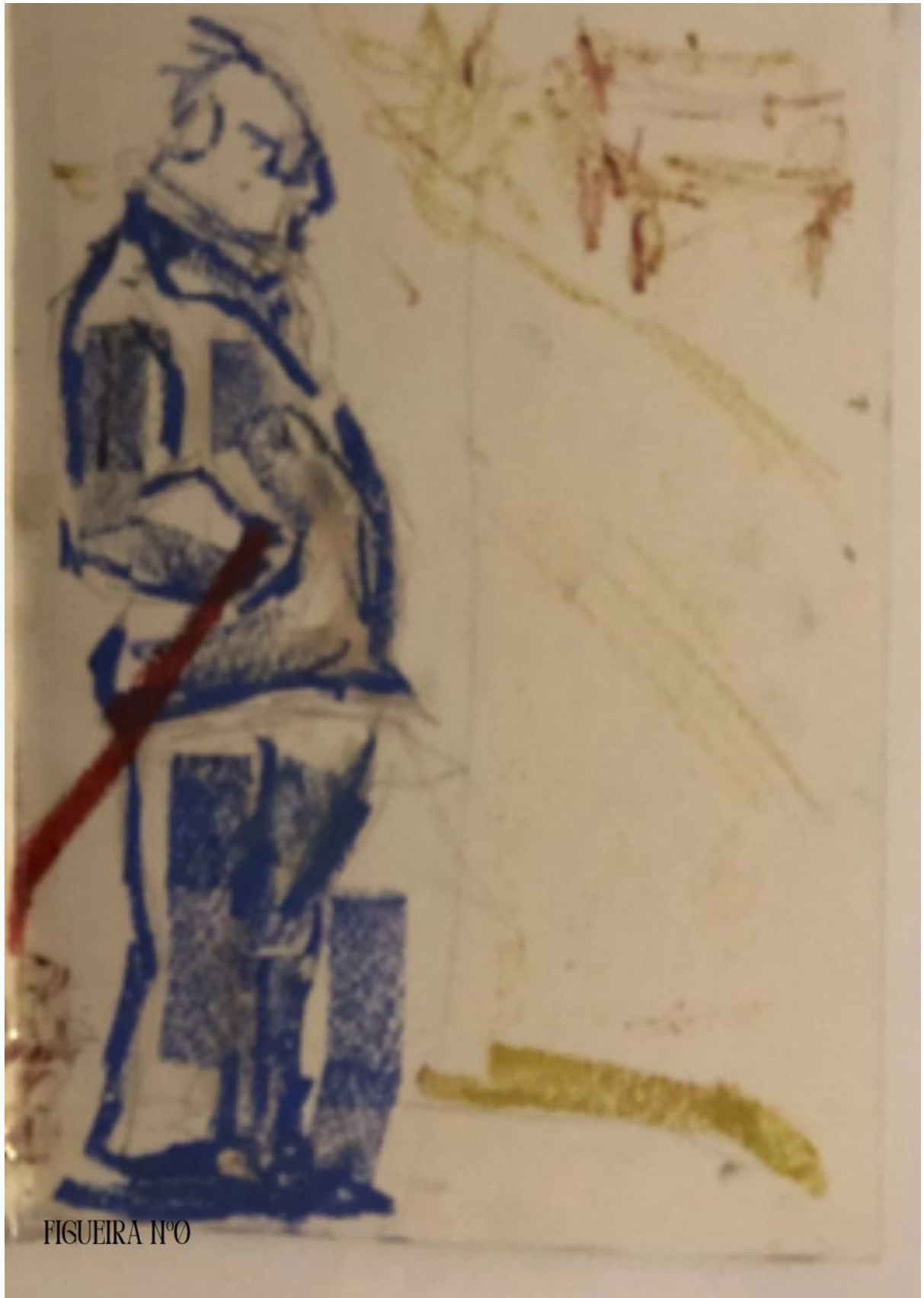
A Voz De Norabel - Uma Invocação por Lisboa, p.5

**eu... no papel, p.13**

à espera de serem levados, p.21

**naturalmente p.25**

criticamente Paris é uma festa, p.33



FIGUEIRA Nº0



## A Voz De Norabel – Uma Invocação por Lisboa

Beatriz Ryder

Abandono a carruagem e escuto o último aviso que as portas me fazem, aquela voz estridente que oiço todos os dias. Como sempre, agradeço a viagem e sigo caminho. A estação do Rato é a minha preferida – não pelas suas infraestruturas subterrâneas, mas pela vida citadina que me acolhe assim que saio delas. Anseio sempre pelo mesmo momento: o momento em que a sola do meu sapato esquerdo cumprimenta as escadas de pedra branca banhadas pela claridade do dia, que se vai desfolhando, a poucos metros de mim. E a verdade é que nunca saio desiludido.

Na boca do metro, (porque é que será que dizemos boca e não voz? Quão bonito seria se, nessa expressão, apenas uma palavra fosse substituída – e as possibilidades!) vejo, e sou parte, do retrato de Lisboa. É uma cidade que acorda sempre cedo, como eu, que sonha em voz alta, sem medos. Sonha tão alto como o prédio rosa-velho acolá, mas não tão alto como o que lhe faz esquina, em tons azuis-marinhos. Lisboa é ser-se velho com alma de jovem.

Perco-me em pensamentos e não reparo que está verde para os peões. Atravesso a passadeira, mas não vou sozinho. Enquanto os carros falam uns com os outros, com mais ou menos insistência, no sentido contrário ao meu (se calhar também comunicam numa linguagem inversa?) oiço diferentes passos nesta porção de alcatrão partilhado. Uns com um timbre mais tímido, outros mais despreocupados. O choro de uma criança ouve-se a milhas, mas mais parece que está a acontecer diretamente para dentro do meu canal auditivo. Atento (o que julgo ser) conversas exteriorizadas em monólogos, onde a outra parte integrante está presa dentro de um auricular. Palavras meio ditas, conversas de um só timbre. Dedos em ecrãs táteis, oiço a alienação embalada pelo cântico dos pássaros. É preciso uma panóplia de vozes que se sobrepõem para habitar uma cidade, nada mais. No final do dia, não passamos disto – vozes que tentam vingar, mas que se fundem no turbilhão que é viver numa cidade. Todas, exceto a dela.

Inspiro o ar húmido da manhã enquanto me reduzo à estreita calçada do passeio. Expiro-o em forma de saudade. Tenho saudades da voz dela. O que o meu cérebro insiste em fazer é reproduzi-la da melhor forma que se recorda – traíçoeiro disco riscado! Não é assim que a quero, se não é assim que a conheço. Se pudesse, guardava a voz dela dentro de uma caixinha, para a poder ouvir sempre que o mundo está azedo e a manhã se confunde com a noite. A voz dela tem a fonte medicinal de um abraço caloroso; é manta que cobre as pernas junto à lareira, num final de tarde invernos.

Uma criança mete-se no meu caminho, de repente, vinda do interior da loja à minha esquerda. Ela transporta uma pequena caixa nas suas (ainda mais pequenas) mãos. Se eu tivesse um doce, fazíamos uma troca de bens essenciais à sobrevivência.

Tenho saudades dos dias em que caminhava por Lisboa numa linha reta, e tenho saudades de ouvir a resposta dela. Pouco me interessa o que continha essa resposta, até porque as respostas são apenas palavras que toda a gente já empregou. Refiro-me a todo o conteúdo que é produzido na laringe, através da suave aproximação das duas pregas vocais; à vibração que surge desse reencontro, e finalmente, o seu produto final – o som que delas brota, a voz. É uma grande responsabilidade ter uma voz. É até perigoso ser-se uma. A dela é muito própria, como qualquer outra, mas é muito dela – coisa que só a voz dela pode ser. Como a roupa do rapaz à minha frente está para o seu corpo esguio, como as janelas gastas estão para estes prédios também eles gastos, como o elástico está para o cabelo daquela senhora. Sempre que oiço a sua voz, relembro-me do poder da individualidade e nunca mais sou o mesmo.

Já avisto a minha livraria preferida. Ultimamente, quando me refugio neste espaço, não tarda muito até a saudade me apertar o peito; é que a voz dela tem cheiro a livro novo, tresanda a conhecimento; tem essa capacidade de abafar as demais sem as censurar. É majestosa sem ter arrogância, novidade que não precisa de estar na secção de destaque. Dispensa exibicionismo, uma vez que ela é a própria exposição. Às vezes penso que gostava de ouvir mais vozes como a dela e acabo sempre a negar esse meu desejo. Mais do que cegar, a ganância pode abrir as portas ao silêncio, e convidá-lo a ficar, para tomar um chá. Afasto o medo que me vem em forma de pensamento – e se aquela voz virar muda?

FIGUEIRA Nº0

Nunca pode acontecer. A sua voz vingará porque é metafísica – resiste e perdura, impregnada nas paredes das esquinas, no vento e nas sarjetas. E agora que penso nisso, percebo que acabei de descrever a poesia. A voz dela é poema proclamado, ferida aberta de quem nunca foi amado. Mas eu oiço-a há muitas vidas, sinto-a nas minhas entranhas. Sou o recetor de toda a sua obra.

Cai sobre os meus ouvidos a maior responsabilidade que se pode ter – a arte de escutar. Escuto-a com todos os meus sentidos, apurados a cada palavra que acrescenta no seu discurso. Da primeira vez que a ouvi, pareceu-me detetar um cheiro a canela, mas rapidamente percebi que estava errado. Esta voz que ressoa todos os dias na minha cabeça tem cheiro a café em chávena fria, sem açúcar ou adoçante; apenas os verdadeiros apreciadores de cafeína percebem esta essência. Mas será que é só para mim que tem cheiro a café? Será que, se o recetor fosse diferente, teria cheiro a chocolate? Ou a baunilha, quem sabe?

Outra característica dos cheiros é que eles funcionam em nós como as cores – são reféns do contexto. Quando está entusiasmada, a sua voz tem cheiro a lavanda. Se, por outro lado, a angústia a consome, o ar é empestado pelo seu cheiro a menta.

Que cheiro terá a minha voz? Será que, para ela, a minha voz tem um cheiro avinagrado? Ou será mais limão?

Já quase ninguém anda a pé e isso entristece-me. Apesar de adorar o Rato, sei que não está devidamente adaptado para bicicletas ou trotinetas. O mesmo acontece com a voz dela – sei que o mundo ainda não está preparado para a ouvir, como quando uma obra de arte é demasiado inovadora para o seu tempo, mas que no futuro, valerá milhões. Gostava de ainda cá andar para ver esse feito, para dizer que sempre soube e para lamentar a perda do meu mais precioso segredo. Devia mesmo tentar arranjar uma caixinha.

Este jardim por onde passo já não pertence ao Rato. Estou agora no Príncipe Real, onde há mais sol, mas menos vida. Quando era mais novo, vinha para aqui muitas vezes. Está diferente. Os espaços mudam com o passar das luas, será assim também com as nossas vozes? Já não nos ouvimos há tanto tempo. Mas ainda tenho o cheiro do café moído impregnado nas minhas narinas e isso tem de significar alguma coisa.

O dia está particularmente bonito hoje. Relembro como soas em mim e o sol decide parar de se esconder atrás das nuvens, mostra-me cores e sombras que, até agora, não tinham lugar. Quantas cores caberão na tua voz? O arco-íris não abrange a paleta completa. Vejo-te vermelha, sangrenta, cor da perdição; mas também já assisti à tua mudança para marrom, para castanho; tons cinzentos que vão escurecendo até atingir a tonalidade preta. Não és tu que escolhes as tuas cores, bem sei. A tua voz é o comando operacional de todo o teu sistema – é ela quem tem a iniciativa e que se apresenta, sem te consultar de antemão. Altiua, castiça, presa a uma fragilidade que lhe é inerente, mas que fingimos não ouvir. Sim, tu e eu alinhámos neste jogo de cegueira. Se calhar, somos apenas duas vozes hipócritas, duas melodias fora de tom, iludidas no embalo do nosso próprio som.

Várias lojas ladeiam esta avenida. O caos faz casa aqui, mas ao contrário de muita gente, ele não me causa desconforto. Afinal, o caos contém toda a acumulação de ordens e eu respeito isso. Buzinas protestantes, respirações irregulares, esplanadas povoadas por vozes que competem umas com as outras para ver qual atinge um volume maior, cães que não param de vocalizar. A voz dela é também uma junção de barulhos corriqueiros, mas não estes, não assim. É o tilintar de copos de champanhe que se encontram num brinde, cinza tímida que se vai queimando no cigarro aceso; porta que se abre sem querer incomodar, salto alto em chão de madeira (embora não uses este tipo de calçado). Penso em entrar numa destas lojas e comprar-te algo. Mas não há echarpe, nem luvas que assentem nos teus barulhos corriqueiros. Viro as costas derrotadas à loja e sigo em frente, afastando-me mais (de ti) a cada passo que dou.

Não sou apenas eu, voz esperançosa e amarga, que me afasto. Também a dela está, neste momento, a vastos quilómetros de distância. Mas como é que ela está longe, se a oíço tão bem, tão clara como um sussurro ao ouvido? É uma sensação semelhante ao choro da criança que ouvi ao cruzar a passadeira – som que está longe, mas que soa perto (e muito mais agradável do que um pranto). Não consigo entender como é que isto funciona, mas desengane-se quem pensa que acabo de descrever a cura para a saudade. É, pois, um método de ilusão que a acaba por se intensificar, como quando mascamos uma pastilha

FIGUEIRA Nº0



elástica para enganar a fome, mas ela vai ganhando mais e mais intensidade. Estou sedento de ouvir a voz dela, mas continuo a mascar pastilhas para enganar a fome; continuo à espera do dia em que a saciedade retome.

Sabe-me a pouco, como Lisboa no inverno. Sabe sempre a pouco quando a oiço, como a textura do algodão doce que, assim que chega à boca, se desfaz demasiado depressa. A voz dela sabe-me a um bolo de pastelaria ainda não inventado, receita à espera de ser confeccionada. Tem sabor a fado, a caramelo salgado; sabe à madrugada de abril, a luta e a liberdade. (Será que a minha voz te sabe azeda?) É a primeira garfada de um doce que não enjoa, sabe ao ph ideal que deve ter a água. (Dar-me-ias essa desfeita?) A tua é uma voz agridoce, perfeita para pessoas como eu, que não sabem escolher. Foste a única voz que me soube bem. Ainda só tu és a detentora desse cargo.

Uma trotineta passa por mim a uma velocidade estonteante e não tenho escolha se não levar as mãos à parede velha que ampara o meu lado esquerdo. Com sorte, não me agarro a uma porta de entrada ou de saída, nem a um estabelecimento; é uma simples parede branca. Ou melhor, uma parede que em tempos foi branca. Retiro as mãos, ofegante deste quase atropelamento e vejo-as sujas, a olhar para mim. São as várias vozes que por aqui passaram, que por aqui ficaram e que por aqui morreram; vozes que ecoaram pelas ruas estreitas e inclinadas, que originaram a história da cidade em gritos suplicantes. Consegui ouvir todas elas, ao mesmo tempo, a cantar músicas diferentes, quando as minhas mãos abraçaram a parede. Quis falar com o rapaz da trotineta, quis dizer-lhe que uma condução segura implica abandonar o ego, mas perdi-me na imensidão que entrou pelos meus ouvidos.

Não prestamos atenção suficiente ao tato de uma voz, à sua textura. A dela não é áspera como esta parede, muito menos suja; mas, tal como esta superfície, a voz dela carrega muitas vidas, muitas camadas. É por causa destas suas camadas que a voz dela tanto pode ser suave e macia como o pêlo de gato que está à janela, como pode ser húmida. Houve um dia em que a voz dela foi vidro, nunca mais me esqueci. Cortei-me nas suas oscilações, é o que acontece quando não se tem cuidado. As vozes também podem ferir, fazer golpes na pele e nos nossos órgãos. Lembro-me do dia em que a voz dela me deixou



a sangrar como se fosse ontem. Certamente que a minha também lhe deve ter magoado, nem que seja internamente – e esse é o meu maior arrependimento.

Já estou perto do meu destino final. É o ponto mais bonito do mundo inteiro, o sítio que me acolhe quando estou a cair aos pedaços, que os junta a todos como se de um puzzle se tratasse. Sou da opinião que somos todos pequenos quebra-cabeças, que deixamos peças nossas nos puzzles de outros, que vamos tentando encaixar as nossas peças com outras; e estas peças que formam o nosso jogo não são feitas de palavras, mas sim de vozes.

Agora que estou quase a chegar ao meu sítio de eleição, vê-se mais pessoas na rua, tenho de me desviar com mais antecipação. Se pudesse, ouvia cada uma delas, inspirava-as, tocava-as e provava-as, só para constatar que não encaixam no meu puzzle. Apesar de me considerar voz flexível, tenho os meus requisitos. Procuo uma voz que empregue palavras simples, que não precise das mais caras; que se desvie da ostentação do vocabulário e que vá em frente, rumo ao mundo da sonoridade. Procuo uma voz leal, desprovida de tons julgadores. Aceito se for forreta – afinal, nem mesmo as vozes podem ser perfeitas; uma voz que mente em prol do bem maior, praticante do utilitarismo. Uma voz que saiba falar de política e que saiba quando não falar de política. Nunca achei piada a “vozes de rádio” – esses robôs em forma de gente, trabalho árduo que vai polir e danificar o melhor instrumento que se detém, que nos caracteriza! É quase tão mau como o raio dos filtros nas fotografias, como é que não percebem isso? Não quero uma “voz de rádio”, voz mentirosa, quero uma voz de pessoa humana. Estimo uma voz que goste de cuidar dela, que aprecie um bom elogio; que comece a ferver sempre que é desafiada e que não tenha medo de ser desafinada. A voz dela é tudo isto e muito mais, foi ela que me fez abranger mais particularidades; graças a ela, a minha lista é uma constante expansão, da qual nunca vou querer ditar o seu fim.

Porém, tudo tem o seu preço. A voz dela pode ser tudo isto, mas é uma voz distante. A cada dia que passa é mais distante, barco que se perde na linha do horizonte e pressa quando não te oiço. O elétrico passa. Seguem-se mais carros. A vida continua a passar e tu sem dizer nada.

FIGUEIRA Nº0

## A Voz De Norabel – Uma Invocação por Lisboa

O café é pequeno e acolhedor, tão tipicamente português. Enquanto me debruço sobre a pedra fria do balcão, um casal une as mãos por cima da mesa que os separa. Será que eles unem as mãos porque as vozes já estão unidas? É este o grande desafio que se impõe: encontrar uma voz que, mais do que estar em sintonia, crie uma harmonia com a nossa. Uma harmonia nova, de mais ninguém. Depois disso, cabe-nos cuidar dessa nossa canção: corrigir entoações mal feitas, entrar no ritmo certo, entender os silêncios. E assim é o amor – uma junção de duas vozes que formam uma nova identidade, a promessa eterna de uma cumplicidade.

Novos passos aproximam-se. Vêm de muito longe.

Chegou o meu café em chávena fria.

Janeiro 2023



FIGUEIRA Nº0

## eu... no papel

Madalena Pegado

A *Phalænopsis*, vulgarmente conhecida por orquídea borboleta, tem um tempo normal de gestação de vários dias, ao fim desse tempo a planta está parcialmente desenvolvida, no entanto, para garantir a sua preservação, é crucial a mudança de vaso. Com tal processo concluído, a planta irá crescer vigorosamente e a flor nascerá. A orquídea borboleta, tal como as suas irmãs, está sujeita ao domínio do sol. Durante a sua vida, moldará o caule para garantir a maior exposição aos raios solares possível e, graças a esta evolução condicionada pela necessidade, a planta garantirá todos os nutrientes necessários para oferecer belas pétalas pintadas de amarelo, rosa ou branco. Fê-lo pela sua egoísta sobrevivência e foi recompensada no final. A arte é isto; não apenas uma forma de garantir a própria sobrevivência, mas como meio enriquecedor da alma, sem o qual a existência cairia em declínio.



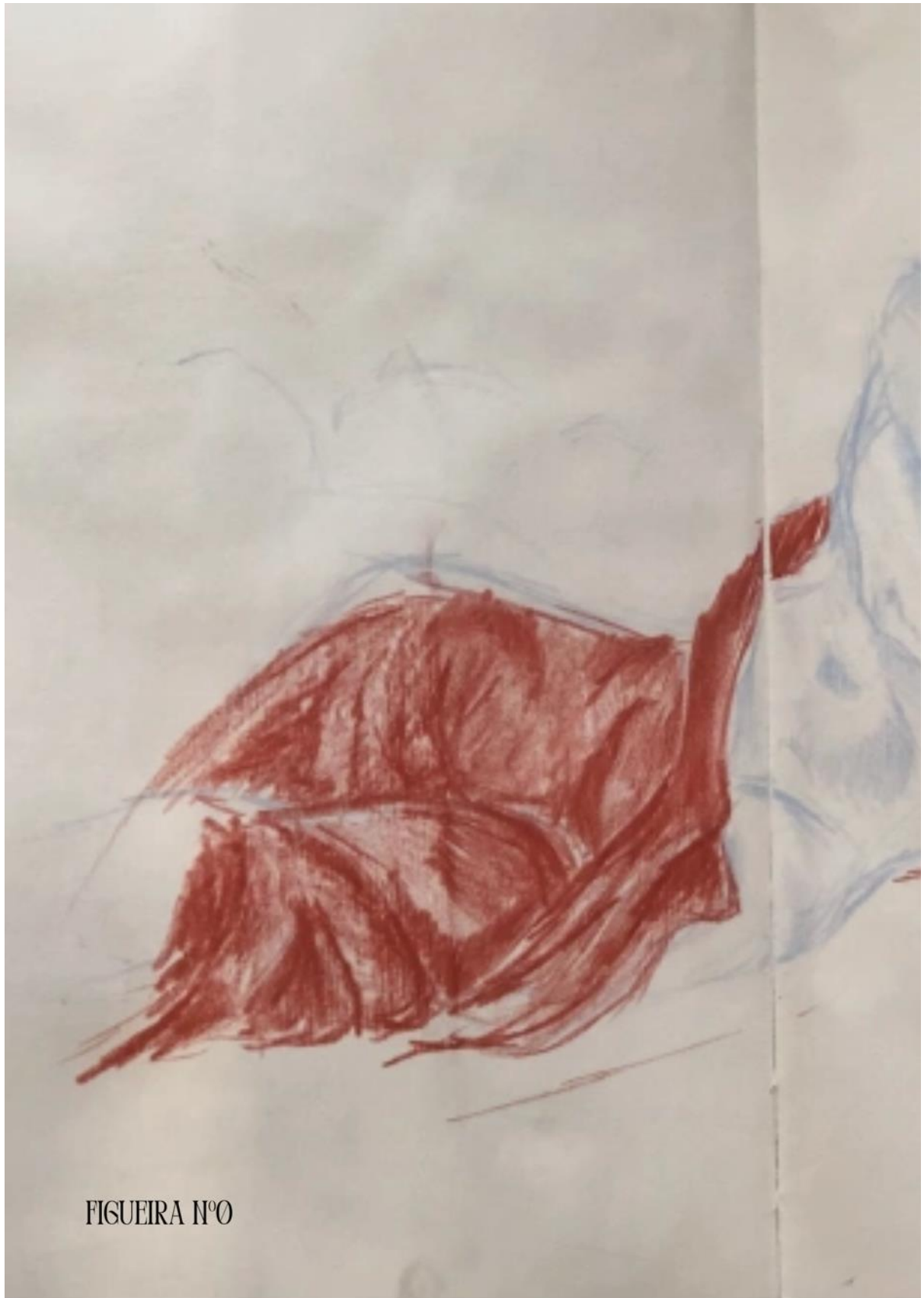
Detalhe de "Vechter" detail van de hand (1913), de Egon Schiele  
Acrílico e carvão sobre papel craft

FIGUEIRA Nº0

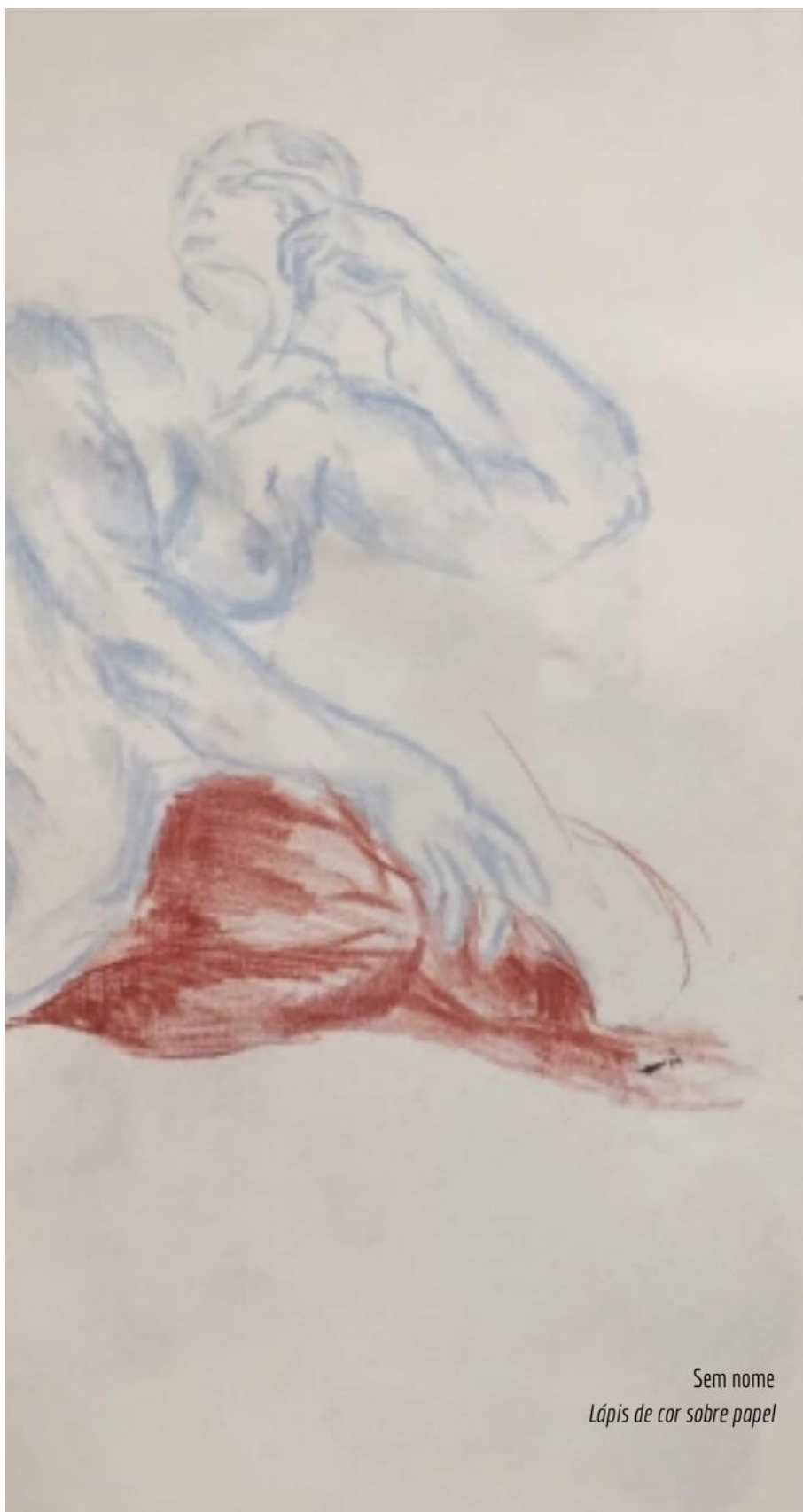
eu... no papel



Detalhe de *Inundação* (2002), de Paula Rego  
*Tinta da china e guache branco sobre papel*



FIGUEIRA Nº0



Sem nome  
*Lápis de cor sobre papel*

eu... no papel

O CORAÇÃO HUMANO PESA 250G, MAIS OU MENOS O MESMO QUE UM PACOTE DE FAMBRE

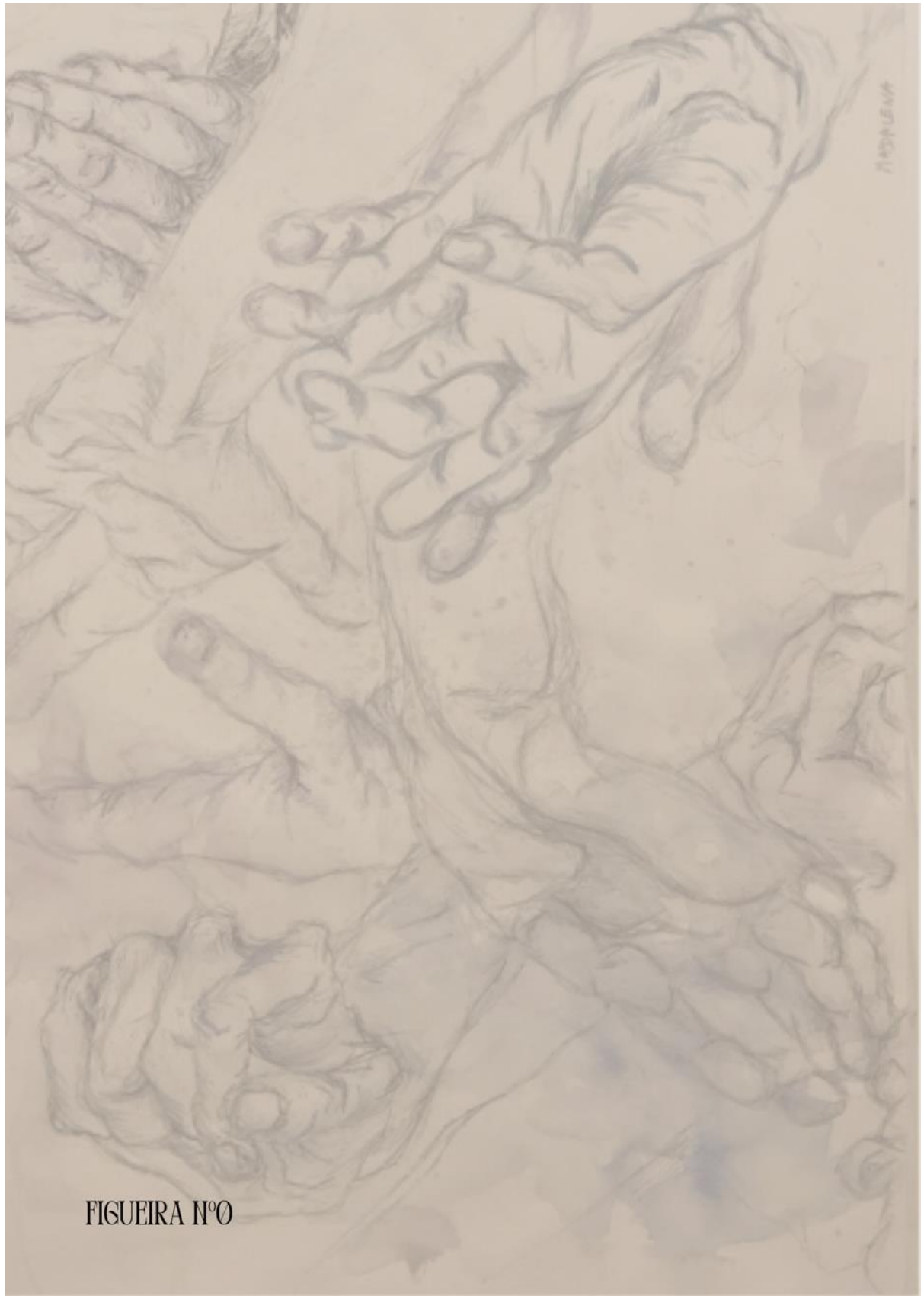
17



Sem nome  
*Tinta da china e guache sobre papel*

FIGUEIRA Nº0

A arte não é prioritária. Não precisamos de arte para respirar, não bebemos ou comemos quadros a óleo e não pagamos as contas ao final do mês com uns versos. A arte não é uma necessidade vital. No entanto, quando um coração sofre um corte, apenas deseja uns versos que apaziguem a sua dor. Quando enterramos uma parte de nós noutro, precisamos da confirmação que tal sentimento é compartilhado. Quando um dia, que corre bem, ainda melhorará ouvindo aquela música. A arte não é necessária à existência da espécie humana. Porém, é crucial para a sobrevivência da mesma, tal como o sol para a orquídea borboleta.



FIGUEIRA Nº0

## À espera de serem levados

Inez Pegado

Estava a trabalhar há 4 dias seguidos quando o meu corpo cedeu. As refeições com facilidade se tornaram opcionais e as pausas uma benesse. Tirar café, aquecer leite, esquecer o número de colheres de chocolate em pó que deveria adicionar a um copo médio, deixar um copo cair e por consequência ser escondida atrás de uma máquina de lavar, recolher copos, limpar pratos, arranjar colheres, repor tabuleiros, para depois tirar mais cafés, aquecer mais leite, esquecer mais uma vez o número de colheres de chocolate em pó que deveria adicionar, deixar um copo cair; o ciclo foi este por 4 dias. Talvez não fosse difícil, acredito que para outra pessoa não fosse - lidar com a imutabilidade que o trabalho implicava (e a concentração que eu não tinha). Talvez não fosse difícil, mas foi para mim, e por isso o meu corpo cedeu e ao hospital tive de recorrer.

Digo “recorrer” porque fui obrigada a isso – acreditava que uma sesta me curaria e, se tivesse dependido de mim, talvez tivesse sido encontrada pela minha mãe num sono sem retorno. Santa seja a minha mãe que não me deu ouvidos. Enfim, lá fui internada com a máxima urgência (até tive direito a uma pulseira laranja fluorescente que demonstrava a magnitude da situação), primeiro numa sala onde a única pessoa com menos de 40 anos era eu e, umas horas mais tarde, numa outra um pouco mais pequena, onde continuava a ser a única com menos de 40 anos, no entanto, como havia menos gente, a proporção era mais favorável. Estava rodeada pela doença, as dos outros e a minha.

Fui picada incontáveis vezes.

“Estes valores ainda não nos agradam, daqui a uma horas voltamos a tentar.” Tive de explicar a minha situação a todas as batas que se aproximavam, o ar faltava-me então o exercício de storytelling que me era exigido fora intercalado por várias tentativas de bocejo. Foram noites longas e dias passivos. Vários responsáveis ofereceram-me falsas esperanças em relação à altura em que daquele edifício poderia sair e por isso fazia o que

podia: dormia, chorava um pouco (ainda bem que usávamos máscaras), olhava os responsáveis de saúde (da minha e da dos meus companheiros de quarto) que se passeavam, admirava a mancha de humidade no canto direito da porta e ouvia as conversas de todos. O senhor que estava na cama à direita da minha, de quem distanciava dois braços, tinha uma neta da qual parecia gostar muito. Falava constantemente dela, até quando ninguém o parecia ouvir, mas eu ouvia, porque nada melhor tinha para fazer. “Eu sou o avô da Dora”, dizia. “Ela é alta e enfermeira, vive no Reino Unido.” Passadas umas horas na companhia deste estranho, apercebi-me da incoerência do seu discurso e comecei a duvidar da existência desta Neta Dora. Provavelmente não existia, ou existia, mas não nos moldes com que a pintara. Podia ter estado errada, e espero que tenha estado.

Outro senhor, o que ocupava a cama mais próxima do canto direito do quarto, percebi, estava especialmente mal. Era um regular. Tinha problemas de fígado e um caso toxicamente amoroso com a bebida, esta era a sua visita final. Durante a minha primeira tarde, as batas azuis chamaram a sua filha, algo inédito nos cuidados intermédios. Lembro-me do vestido verde com flores que usava, tinha o cabelo numa trança, lembro-me também da sua voz desesperada a chamar por um pai incapaz de responder. Deve ter sido a última vez que o viu com cor no rosto, antes de o sepultar, claro.

Na minha segunda manhã no Hospital Espírito Santo de Évora tive alta, não corri sala fora por respeito aos corpos frios, à espera de serem levados, dos meus companheiros de quarto.

Abril 2023



FIGUEIRA Nº0





FIGUEIRA Nº0

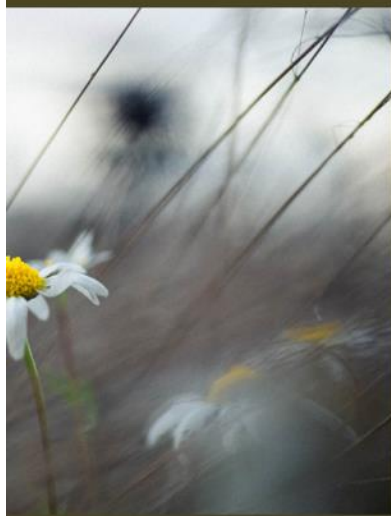
naturalmente  
Diogo Tomás



25



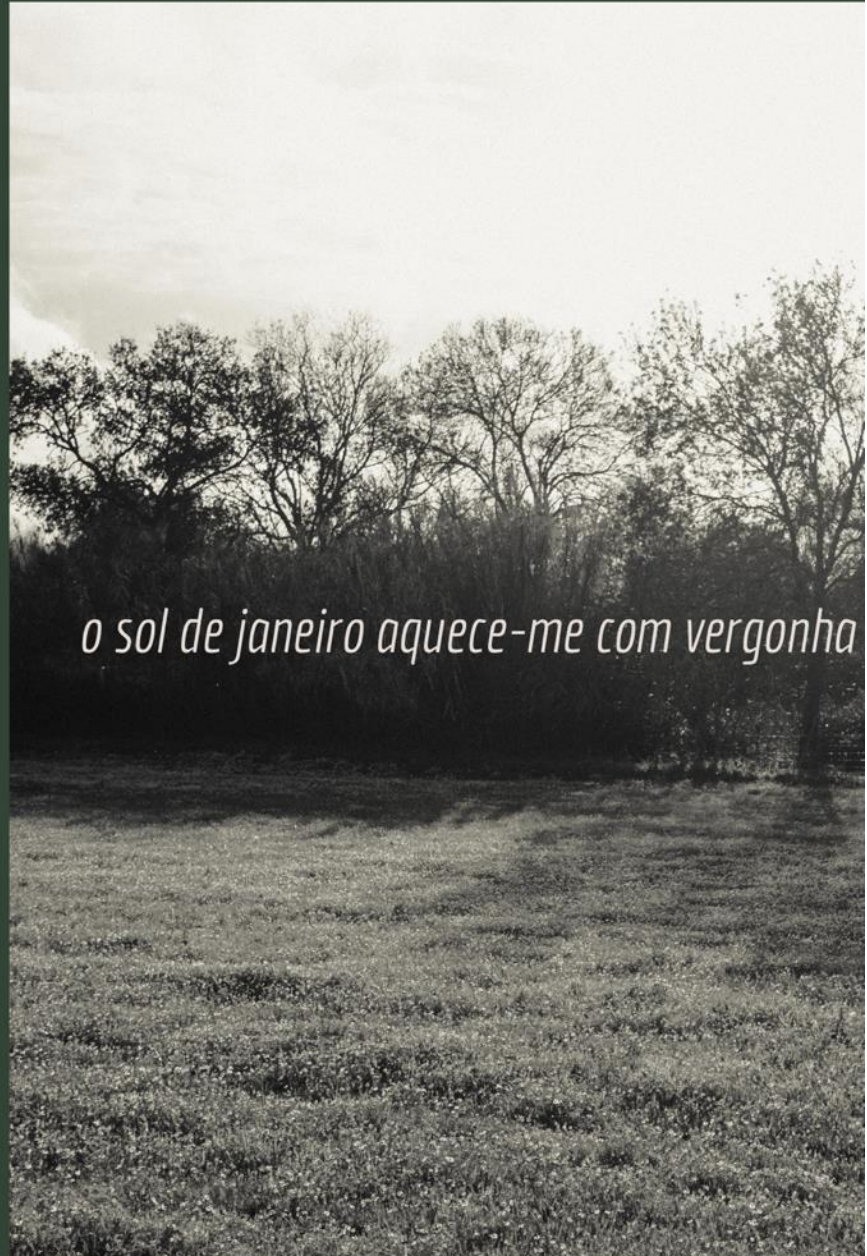
FIGUEIRA Nº0



Em cafés e tabernas, momentos antes de se dar início a mais um dia de trabalho árduo, homens de camisas enxadrezadas e bigode podem “um cafézinho e um bagaço, *fáxavor*”.

Os pássaros a cantar nas mais variadas melodias contrastam com o tocar imponente dos badalos das ovelhas que roubam a paisagem de vegetação. ouço o vento que, permeável às folhas das árvores, completa a harmonia de uma tarde perdida no campo. as planícies merecem ser pintadas.

Chegado o domínio da lua, copos e garrafas tilitam com a pinga, entoam vozes robustas e vividas. Aqueles engolidos pelo campo, cantam, tal trigo embalado pelo vento, sobre o sofrimento e a beleza da sua região casa. Assim o cante nasceu, pelas vozes de almas vergadas com orgulho. Sobre a mesa gasta de madeira, pão, enchidos, vinho. As cadeiras arrastam-se para dar espaço a quem se queira juntar. É o sentimento de orgulho que os junta, orgulho pela Alentejo, orgulho pelas tradições que na lei do esquecimento não cairão.



*o sol de janeiro aquece-me com vergonha*

FIGUEIRA Nº0

naturalmente



*e o vento relembra-me que é inverno*

29



FIGUEIRA N°0

naturalmente

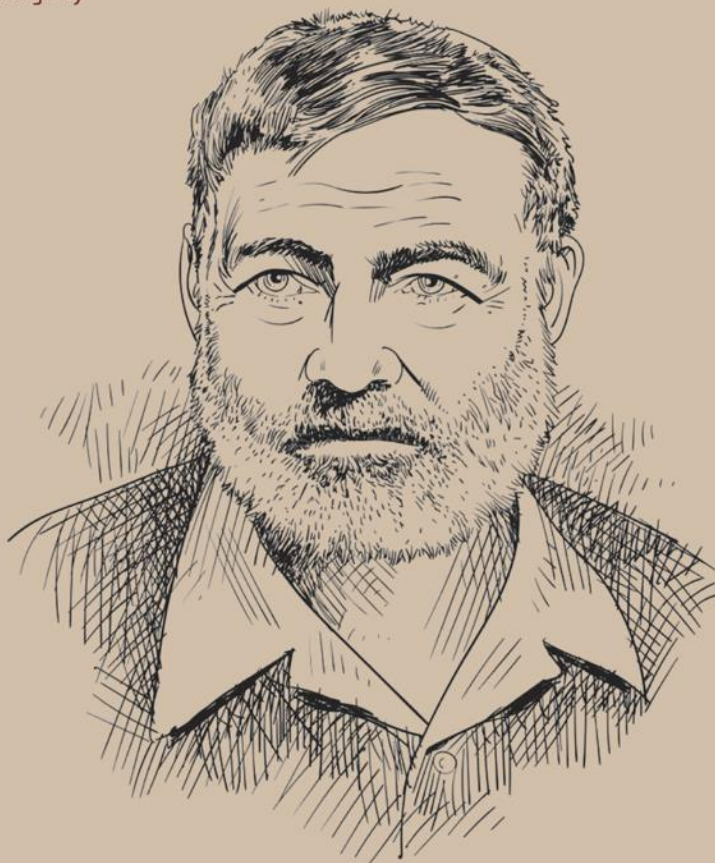




FIGUEIRA Nº0

## CRITICAMENTE “PARIS É UMA FESTA”, DE ERNEST HEMINGWAY

Hemingway partilha as memórias dos tempos em que viveu na capital francesa com a sua primeira mulher, Hadley, o seu filho, Sr. Bumby, e o gato, F. Puss. Tendo como plano de fundo as dificuldades naturais de um jovem escritor com fome, neste livro de ficção autobiográfico, o leitor acompanha o dia a dia banal e, às vezes fantástico, da família Hemingway.



*People were always the limiters of happiness except for the very few who were as good as spring itself.*

Miss Gertrude Stein, cuja relação de amizade começou às mil maravilhas – em vários momentos o casal Hemingway visitava o estúdio de Miss Stein e da sua companheira, discutiam maioritariamente literatura, pintura e pessoas. Naturalmente, como muitas das relações de Hemingway, esta amizade encontrou um fim amargo. O afastamento entre mentora e protegido é claro em ambas as descrições que Hemingway faz de Stein.

Descrição de Stein no início da amizade com Hemingway:

*She had beautiful eyes and a strong German-Jewish face that also could have been Friulano and she reminded me of a northern Italian peasant woman with her clothes, her mobile face and her lovely, thick, alive immigrant hair which she wore put up in the same way she had probably worn it in college. She talked all the time and at first was about people and places.*

Descrição de Stein após o término da amizade:  
*She got to look like an Roman emperor and that was fine if liked your women to look like Roman emperors.*

Hemingway acrescenta ainda sobre a sua amizade com Stein:

*There is not much future in men being friends with great women although it can be pleasant enough before it gets better or worse, and there is usually even less future with truly ambitious writers.*



FIGUEIRA Nº0

## CRITICAMENTE "PARIS É UMA FESTA", DE ERNEST HEMINGWAY

É nas descrições que Hemingway transmite os seus sentimentos e pensamentos em relação às personagens. Sendo Hadley e Sylvia Beach, a proprietária da livraria Shakespeare and Company, as exceções sobre as quais não recai qualquer crítica ou intenção maldosa, as restantes pessoas da sua vida são descritas com uma pitada de juízo.

Numa leitura descontraída, que é a que esta obra sugere, as ambiguidades das descrições poderão passar despercebidas, mas, após uma revisão atenta, o ferrão do autor torna-se mais evidente.

As descrições das personagens são, geralmente, feitas através da apresentação do seu aspeto físico (sobre o qual Hemingway encontra qualquer coisa de peculiar a apontar), roupa que usam, forma de andar, gostos pessoais e até o modo de falar. Já as descrições dos locais são feitas a partir da descrição das pessoas que os ocupam, tendo como exemplo o Closserie de Lilas, o café mais apreciado para trabalhar do autor.

As descrições são mais que muitas, incluindo de personagens, percursos e locais, contei - e atenção que poderá ter sido uma contagem falaciosa - 35, no total. A seguinte, referente a Wyndham Lewis, é sem qualquer dúvida uma das mais venenosamente geniais.

*Under the black hat, when I had first seen them,  
the eyes had been those of an  
unsuccessful rapist.*





(espaço para publicidade)



F  
I  
G  
U  
R  
A

EDIÇÃO Nº0  
MARÇO 2024

## Bibliografia

- Aumont, J., & Marie, M. (2019). *A Análise do Filme*. Paris, França: Edições Texto & Grafia.
- Aumont, J., & Marie, M. (2006). *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*. Paris, França: Papyrus Editora. Obtido em 11 de 2023, de <https://designvisualuff.files.wordpress.com/2011/08/jacques-aumont-michel-marie-dicionacc81rio-teocc81rico-e-cricc81tico-de-cinema.pdf>
- Azar. (s.d.). *azarmagaz*. Obtido em fevereiro de 2024, de Instagram: <https://www.instagram.com/azarmagaz/>
- Barnhart, B. (9 de março de 2021). *Dados demográficos de mídias sociais para orientar a estratégia de sua marca em 2021*. Obtido em fevereiro de 2024, de Sprout Blog: <https://sproutsocial.com/pt/insights/novos-dados-demograficos-das-redes-sociais/>
- Barroso, E. P. (2008). *A Locomotiva dos Sonhos*. Lisboa: Edições Univ. Fernando Pessoa.
- Attlee, J. E. (2022). Miro [T. J. Berlioz gravado]. Em *Jazz is for ordinary people*. Inglaterra: J. E. Attlee.
- Cachim, L. (3 de 2024). (I. Pegado, Entrevistador)
- Cardoso e Cunha, T. (2013). Avaliação e Interpretação na Crítica de Cinema. Em T. Baptista, & A. Martins (Ed.), *Atas do II Encontro Anual da AIM*, (pp. 152-159). Obtido de <https://aim.org.pt/atas/indice/Atas-IIEncontroAnualAIM-14.pdf>
- Cascais. (21 de julho de 2022). *EDP COOL JAZZ anima mês de julho em Cascais*. Obtido em março de 2024, de Cascais: <https://www.cascais.pt/noticia/edp-cool-jazz-anima-mes-de-julho-em-cascais#:~:text=Sobre%20o%20EDP%20COOL%20JAZZ,junta%20música%2C%20natureza%20e%20património>
- Chartier, R. (2014). *A mão do autor e a mente do editor*. São paulo: Editora UNESP.
- Cinemateca. (março de 2016). *Cinema e Escrita*. (1) Obtido em dezembro de 2023, de Ciclos da Cinemateca: <https://ciclosdacinemateca.wordpress.com/2016/03/01/cinema-e-escrita/>
- Comunidade Cultura e Arte. (s.d.). *Comunidade Cultura e Arte*. Obtido em fevereiro de 2024, de Comunidade Cultura e Arte: <https://comunidadeculturaearte.com>
- Dictionary.com LLC. (2024). *Still*. Obtido em Março de 2014, de <https://www.dictionary.com/browse/still>

- Europa Criativa. (s.d.). *Creative Innovation Lab*. Obtido em fevereiro de 2024, de Europa Criativa: <https://europacriativa.eu/transectorial/creative-innovation-lab/sobre-creative-innovation-lab>
- Fernandes, B. (outubro de 2022). *Os novos espaços da crítica cinematográfica no contexto da digitalização: o caso de À pala de Walsh*. Tese de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Sociologia, Lisboa. Obtido em março de 2024, de [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/26807/1/master\\_beatriz\\_carrilho\\_fernandes.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/26807/1/master_beatriz_carrilho_fernandes.pdf)
- Ferreira, M. T. (2010). *A Evolução do Livro: Do papiro ao iPad*. Trabalho académico, Universidade federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Biblioteconomia, Rio Grande. Obtido em março de 2024, de [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39923/3/EvolucaoDoLivro\\_Ferreira\\_2010.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39923/3/EvolucaoDoLivro_Ferreira_2010.pdf)
- Filho, K. M. (15 de fevereiro de 2015). Kleber Mendonça Filho: “Sou fascinado pela agressão que não é óbvia”. (L. Mendonça, Entrevistador)
- Flauta de Luz. (s.d.). *Flauta de Luz*. Obtido em fevereiro de 2024, de Flauta de Luz: <https://flautadeluz.pt/aflauta/>
- Gato Vadio. (s.d.). *Gato Vadio*. Obtido em fevereiro de 2024, de Gato Vadio: <https://gatovadiolivraria.blogspot.com>
- Gazzetta Tabaco. (s.d.). *gazzettatabaco*. Obtido em fevereiro de 2024, de Instagram: <https://www.instagram.com/gazzettatabaco/>
- Henriques, J. (2 de 2024). (I. Pegado, Entrevistador)
- IMDb. (s.d.). *Kleber Mendonça Filho - Biography*. Obtido em fevereiro de 2024, de IMDb: [https://www.imdb.com/name/nm2207625/bio/?ref\\_=nm\\_ov\\_bio\\_sm](https://www.imdb.com/name/nm2207625/bio/?ref_=nm_ov_bio_sm)
- IMDb. (s.d.). *Paul Scharder - Biography*. Obtido em fevereiro de 2024, de IMDb: [https://www.imdb.com/name/nm0001707/bio/?ref\\_=nm\\_ov\\_bio\\_sm](https://www.imdb.com/name/nm0001707/bio/?ref_=nm_ov_bio_sm)
- Jornal S/ Título. (s.d.). *jornalstitulo*. Obtido em fevereiro de 2024, de Instagram: <https://www.instagram.com/jornalstitulo/>
- Leenhardt, R. (1986). *Chroniques de Cinéma*. Paris: Editions de l'Etoile.
- Manifesto, R. R. (s.d.). *revistaruidomanifesto*. Obtido em fevereiro de 2024, de Instagram: <https://www.instagram.com/revistaruidomanifesto/>
- Marques, R. (s.d.). *Centauro*. Obtido em fevereiro de 2024, de Modernismo: <https://modernismo.pt/index.php/centauro>
- Martin, A., Reis, A., Rowland, C., de Almeida, E. P., Guerreiro, F., Bourgois, G., . . . Eiras, P. (2015). *A Escrita do Cinema: Ensaios*. Lisboa: Documenta.

Martins, W. (1957). *A palavra escrita: história do livro, da imprensa, e da biblioteca*. Editôra Anhembi.

McGann, J. (2014). *A New republic of letters*. Cambridge: Harvard University Press.

Mendonça, L. (2023). *Material em aula*. Curso de crítica de cinema, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.

Meo Kalorama. (s.d.). Obtido em março de 2024, de Meo Kalorama: <https://meokalorama.pt>

Natálio, C. (16 de Abril de 2021). Sites de Cinema: Estamos Bem Servidos? (R. P. Tendinha, Entrevistador)

Pereira, A. (2 de 2024). (I. Pegado, Entrevistador)

Pereira, L. Á. (2000). *Escrever em Português - Didáticas e Práticas*. Lisboa: Asa.

Pericão, M. d., & Faria, M. I. (2008). *Dicionário do livro - da escrita ao livro eletrónico*. Coimbra: Almedina.

Plath, S. (1971). *The Bell Jar*. Londres: Faber & Faber.

Poetria Poesia e Teatro. (2024). Obtido em janeiro de 2024, de Poetria Poesia e Teatro: <https://poetria.pt>

Poetria Poesia e Teatro. (2024). *poetria.livraria*. Obtido em janeiro de 2024, de Intagram de *poetria.livraria*: <https://www.instagram.com/poetria.livraria/?hl=pt>

Porto Editora. (2024). Labor. Em *Dicionário Porto Editora*. Lisboa: Porto Editora. Obtido de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/labor>

Porto Editora. (2024). Trabalho. Em *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Porto Editora. Obtido de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/trabalho>

Priberam Informática, S.A. (2023). *Crowdfunding*. Obtido em 2 de 2024, de Dicionário priberam: <https://dicionario.priberam.org/crowdfunding>

Primavera Sound. (s.d.). *Primavera Sound Porto*. Obtido em março de 2024, de Primavera Sound: <https://www.primaverasound.com/pt/porto>

Público. (s.d.). *Ípsilon*. Obtido em fevereiro de 2024, de Público: <https://www.publico.pt/culturaipsilon>

Revista Lote. (s.d.). *revistalote*. Obtido em fevereiro de 2024, de Instagram: <https://www.instagram.com/revistalote/>

Ruido Manifesto. (s.d.). *Ruido Manifesto*. Obtido em 2 de 2024, de Ruido Manifesto: <https://ruidomanifesto.org>

Scharder, P. (26 de novembro de 2018). Paul Schrader: “Amamos sempre os filmes pelos quais nos apaixonámos pela primeira vez”. (D. Mata, Entrevistador)

- Schiffrin, A. (2023). *O Negócio dos Livros - como os grandes grupos económicos decidem o que lemos*. Lisboa: Letra Livre.
- Sousa, J. (s.d.). *Vértice, revista de cultura e arte*. Obtido em fevereiro de 2024, de Dicionário de Historiadores Portugueses: <https://dichp.bnportugal.gov.pt/imagens/vertice.pdf>
- Tendinha, R. P. (16 de abril de 2021). *Sites de Cinema: Estamos Bem Servidos?* Obtido em fevereiro de 2024, de RTP1: <https://media.rtp.pt/antena3/ler/sites-de-cinema-estamos-bem-servidos/>
- Time Out Lisboa. (19 de janeiro de 2024). *Roteiro de livrarias independentes em Lisboa*. Obtido em fevereiro de 2024, de TimeOut: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/as-melhores-livrarias-independentes-em-lisboa>
- Térmita. (s.d.). *Acerca*. Obtido em fevereiro de 2024, de Térmita: <https://termita.pt/acerca/>
- Viberate. (2024). *berlioz*. Obtido em março de 2024, de Viberate: <https://www.viberate.com/artist/berlioz/>
- Visit Portugal. (2024). *MEO Kalorama*. Obtido em março de 2024, de Visit Portugal: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/meo-kalorama>
- Wook. (15 de setembro de 2017). *5 REVISTAS LITERÁRIAS PARA FOLHEAR ESTA SEMANA*. Obtido em fevereiro de 2024, de Wook: <https://designvisualuff.files.wordpress.com/2011/08/jacques-aumont-michel-marie-dicionacc81rio-teocc81rico-e-cricc81tico-de-cinema.pdf>
- Zink, R. (2023). *Sebenta de Técnicas de Edição - Material em aula*. Mestrado em Edição de Texto, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- À pala de Walsh. (s.d.). *Quem Somos*. Obtido em Novembro de 2023, de À pala de Walsh: <https://apaladewalsh.com/quemsomos/>